



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCG  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**MARIA DAIANE DA SILVA**

**A VAQUEJADA E SUAS EXPRESSÕES CULTURAIS NA CIDADE DE  
NAZAREZINHO, PARAÍBA**

**Cajazeiras**

**2018**

**MARIA DAIANE DA SILVA**

**A VAQUEJADA E SUAS EXPRESSÕES CULTURAIS NA CIDADE DE  
NAZAREZINHO, PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Licenciatura em  
Geografia, da Universidade Federal de  
Campina Grande, no Centro de Formação  
de Professores, Campus Cajazeiras com a  
finalidade de obtenção do título de  
Graduada no referido Curso.

**Orientadora: Profa. Dra. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo**

**Cajazeiras**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

S586v Silva, Maria Daiane da.  
A vaquejada e suas expressões culturais na cidade de Nazarezinho,  
Paraíba / Maria Daiane da Silva. - Cajazeiras, 2018.  
91f. : il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo.  
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2018.

1. Cultura popular. 2. Vaquejada. 3. Cultura nordestina. 4. Atividade cultural. 5. Geografia. I. Di Lorenzo, Iveralda Dantas Nóbrega. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

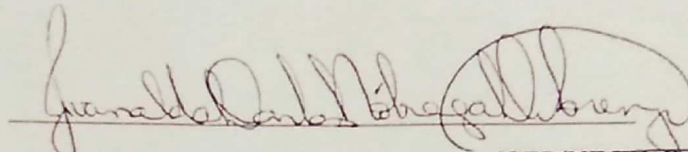
CDU - 316.72

**MARIA DAIANE DA SILVA**

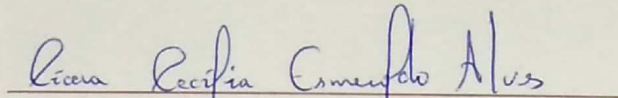
**A VAQUEJADA E SUAS EXPRESSÕES CULTURAIS NA CIDADE DE  
NAZAREZINHO, PARAÍBA**

Aprovada em: 17/12/2018

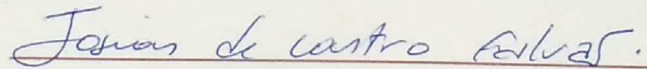
**Banca Examinadora**



Professora Dra. Isanalda Dantas Nobrega Di Lorenzo (CFP/UFCG-Orientadora)



Professora Dra. Cícera Cecília Esmeraldo (CFP/UFCG—Examinadora Interna)



Professor Dr. Josias de Castro Galvão (CFP/UFCG-Examinador Interno)

**CAJAZEIRAS**

**2018**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu Guia, socorro presente na hora da angústia.

Ao meu pai Sebastião, minha mãe, Auxiliadora e, ao meu irmão, Darlan.

Aos meus avós e toda a minha família, os quais sempre torceram pelo meu sucesso acadêmico.

Ao curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campus de Cajazeiras, e as pessoas com quem convivi nesses espaços, ao longo dos anos de formação acadêmica. A experiência de uma produção compartilhada na comunhão com amigos nesses espaços foi a melhor experiência da minha formação acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente, a Deus por ter me dado sabedoria, paciência e discernimento para escrever este trabalho. E não deixando escapar o prazer e privilégio de trazer para quem lerá este trabalho, a minha vida, a minha realidade, ser vaqueira ainda mais numa sociedade machista e, que pouco valoriza o ser mulher. Não é uma tarefa fácil, mas mesmo diante de tantas dificuldades não desisto da minha paixão em ser caipira, vaqueira Nordestina.

Gostaria também de agradecer à Banca Examinadora começando pela minha Orientadora a Professora Dra Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, a quem chamo carinhosamente “Mainha”, por ter me orientado pra realização deste trabalho. Ela também é apaixonada por cavalos, roça e a vida no campo, assim como eu. Por isso, gostaria de deixar claro que foi através dela que me despertou a importância de trazer a vaquejada como esporte cultural do nosso Nordeste expressa neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para esta Universidade e, para todos que tem o desejo de conhecer bem esse esporte cultural. A Professora Dra Cícera Cecília Esmeraldo Alves e ao Professor Dr Josias de Castro Galvão, os quais aceitaram examinar e trazer contribuições para este trabalho.

Não esquecendo também de agradecer aos sujeitos sociais que fizeram parte deste trabalho, os vaqueiros de Nazarezinho que são apaixonados por essa linda profissão. Ao Vaqueiro Puxador Iordan Mendes que me permitiu treinar junto com o mesmo e observar as corridas, filmar partes importantes para mostrar ao público. Igualmente, a Isaac Mendes, Seu Raimundo pelas suas experiências nas vaquejadas, sendo o vaqueiro mais velho entrevistado. A Mário Mendes e Igor Garrido, pelo fornecimento de fotos da cavalgada e cartazes das vaquejadas, quero também deixar minha gratidão pela participação de todos vocês para realização deste lindo trabalho. Sem o apoio e a participação de vocês eu não teria conseguido.

Ao Meu Amigo Romário Morais pela sua amizade verdadeira e, também pela paciência nos momentos mais difíceis em que ele esteve ao meu lado, seja pessoal, seja para realização deste trabalho. Obrigada por tudo.

À minha amiga Edineide Pedrosa por ter me ajudado a jamais desistir do meu objetivo em fazer esse trabalho sobre a vaquejada de Nazarezinho, esporte que ela gosta muito e contempla conjuntamente com o seu marido, Iordan Mendes, o vaqueiro puxador. Também agradecer a ela pela grande amizade. Te amo irmã.

À Raquel Silva, minha prima e a minha grande amiga, Jéssica Soares obrigada por tudo.

Aos meus colegas da Universidade, pela felicidade de ter dividido tantos momentos bons durante esses quatro anos de curso, a caminhada foi árdua mais estamos chegando à reta final. Obrigada amigos (as) por tudo, e da Geografia para a vida toda, este é nosso lema.

Agradeço ao Meu Amor, Ernando Júnior, pela força, pelo carinho e tudo que já fez por mim. Eu não poderia esquecer você, jamais. Uma pessoa tão importante em minha vida e, que em muitos momentos foi o meu espelho para seguir em frente. Grata...

Aos meus Professores queridos, aos quais tenho tanto carinho e respeito. À Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) da qual sentirei muitas saudades, pelos aprendizados e muitas lembranças boas do Curso de Geografia, pelo qual me apaixonei. Deixo o meu obrigado ao professor Dr Rodrigo Bezerra Pessoa, meu Professor de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, a Profa Dra Luciana Medeiros de Araújo, ao Professor Dr Marcelo Henrique de Melo Brandão, Profa Me Maria da Glória Anselmo, dentre outros. E, não esquecendo minha Professora Marineide Vale, pois foi através dela que me dediquei a fazer ao curso de Geografia. Ela foi o meu incentivo durante o Ensino Médio.

A Morte do Vaqueiro

Luiz Gonzaga

(Luiz Gonzaga 50 Anos de Chão 1941-1987)

Ei, gado, oi...  
Numa tarde bem tristonha  
Gado muge sem parar  
Lamentando seu vaqueiro  
Que não vem mais aboiar  
Não vem mais aboiar  
Tão dolente a cantar  
Tengo, lengo, tengo, lengo,  
tengo, lengo, tengo

Ei, gado, oi  
Bom vaqueiro nordestino  
Morre sem deixar tostão  
O seu nome é esquecido  
Nas quebradas do Sertão  
Nunca mais ouvirão  
Seu cantar, meu irmão  
Tengo, lengo, tengo, lengo,  
tengo, lengo, tengo



## RESUMO

A vaquejada é uma tradição cultural nordestina e que além disso tomou uma grande dimensão e importância para esta região, tendo em vista que é praticada por um grande número de habitantes desta. Para a prática deste esporte se faz necessário o uso de três animais, dois cavalos e um boi. O objetivo do esporte é de derrubar o boi dentro de uma faixa de 10 (dez) metros com a demarcação no chão, o vaqueiro que consegue tal proeza passa para a “próxima fase” até que só reste um vaqueiro que será o campeão. Há uma forte crítica a respeito da postura adotada com estes animais, especialmente com o bovino, se questiona se seriam práticas cruéis ou se estaria dentro da razoabilidade. Os adeptos do esporte estão dispostos a adotarem algumas medidas que tenham por finalidade preservar o bovino e os cavalos envolvidos na prática, o que facilitaria, em tese, a regulamentação do esporte afim de que ocorra da melhor forma possível. Contudo, não se tem a dimensão do quanto estas “novas medidas” podem reduzir os impactos ao meio ambiente de forma que este possa conviver harmonicamente com a tradição secular que é a vaquejada. As opiniões existentes acerca do assunto, contudo, divergem. Este trabalho tem como objetivo estudar a vaquejada desde a sua origem na época dos coronéis até os dias atuais, destacando a prática da atividade cultural no município de Nazarezinho Paraíba que mais vem gerando renda e empregos na pequena região, não esquecendo que a prática da mesma é vista como lazer por muitos e já por outros nem tanto, pois esta atividade também vem causar maus tratos aos animais das corridas, mesmo existindo várias formas de proteção, tanto para os vaqueiros como para os animais, diminuindo essa questão de violência durante a realização dos eventos.

**Palavras-chave: Vaquejada; Cultura; Geografia;**

## **ABSTRACT**

The Vaquejada is a Northeastern cultural tradition and that in addition has taken a great dimension and importance for this region, considering that it is practiced by a great number of inhabitants of this region. For the practice of this sport it is necessary to use three animals, two horses and an ox. The goal of the sport is to knock down the ox within a 9-meter range with the demarcation on the ground, the cowboy who achieves such a feat moves to the "next phase" until only one cowboy remains who will be the champion. There is a strong criticism of the posture adopted with these animals, especially with the bovine, it is questioned if they were cruel practices or if it was within reason. Sports enthusiasts are willing to adopt some measures aimed at preserving the cattle and horses involved in the practice, which would, in theory, facilitate the regulation of the sport in order to ensure that it occurs in the best possible way. However, one does not have the dimension of how much these "new measures" can reduce the impacts to the environment so that it can live harmoniously with the secular tradition that is the Vaquejada. The opinions on the subject, however, differ. This work aims to study the Vaquejada from its origin in the era of the colonels to the present day, highlighting the practice of cultural activity in the municipality of Nazarezinho Paraíba that has been generating income and jobs in the small region, not forgetting that the practice of the same and seen as leisure by many and by others not so much, because this activity also comes to cause mistreatment to the animals of the races.

**Keywords: Vaquejada; Culture; Geography;**

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ABNT**-Associação Brasileira de Normas Técnicas

**ABQM**-Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos Quarto de Milha

**ABRAVA**-Associação Brasileira de Vaqueiras

**ANV**-Associação Nacional de Vaquejada

**IBGE**-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**MAPA**-Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

**STF**-Supremo Tribunal Federal

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Mapa 1</b>	Mapa de Nazarezinho: Município Pesquisado	19
<b>Figura 1</b>	Arena ou Pista de Vaquejada	31
<b>Imagem 1</b>	Arena ou pista de corrida na derrubada do boi.	32
<b>Imagem 2</b>	Vaqueiro do Município de Nazarezinho-PB	32
<b>Figura 2, 3, 4</b>	Vestimentas de vaqueiro	33
<b>Figura 5</b>	Vaqueiro Nordestino	33
<b>Figura 6</b>	Cartaz de Vaquejada no Parque São Sebastião Sitio Serrote dos Bois em Nazarezinho-PB	34
<b>Quadro 1</b>	Apresentando estados e Parques de Vaquejada	41-42
<b>Quadro 2</b>	Quando Apresentando as Redes de Contatos dos Vaqueiros Entrevistados.	50
<b>Imagem 3</b>	Dupla de Vaqueiros	51
<b>Imagem 4</b>	Brete	52
<b>Imagem 5</b>	Juiz na Vaquejada no Parque São Sebastião	52
<b>Imagem 6</b>	Senhas ou Fichas	53
<b>Imagem 7</b>	Ganhadores do Premio da Vaquejada	53
<b>Imagem 8</b>	Calzeiro no Parque São Sebastião	54
<b>Imagem 9</b>	Curraleiro	54
<b>Imagem 10</b>	Canceleiros	55
<b>Imagem 11</b>	Proteção do Rabo do Boi	55
<b>Quadro 3</b>	Quando apresentado a opinião dos vaqueiros acerca de mulheres nas vaquejadas.	57
<b>Imagem 12</b>	Tratador Banhando o Cavalo	58
<b>Imagem 13</b>	Vista do Parque São Sebastião	63
<b>Imagem 14</b>	Dormitório dos Vaqueiros	64
<b>Imagem 15</b>	Carro utilizado para carregar os Animais	65
<b>Imagem 16</b>	Caminhão Para Carregar Cavalos	65
<b>Imagem 17</b>	Vaqueiro puxador e o batedor de Esteira juntos na Arena	68
<b>Figura 6</b>	Cartaz de Vaquejada no Parque São Sebastião Sitio Serrote dos Bois em Nazarezinho-PB	74
<b>Figura 7</b>	Cartaz de Vaquejada no Parque Nê Mendes em Nazarezinho-PB	75
<b>Figura 8</b>	Cartaz de Vaquejada no Parque São José em Cachoeira dos Índios- PB	75
<b>Figura 9</b>	Cartaz de Vaquejada no Parque Pedro Chaves- Divinópolis- PB	76
<b>Figura 10</b>	Cartaz de Vaquejada no Parque São Sebastião	76
<b>Imagem 18</b>	Camiseta utilizada nas Cavalgadas	83
<b>Imagem 19</b>	Cavalgada dos Vaqueiros	84
<b>Imagem 20</b>	Parada na Igreja de São Francisco	84
<b>Imagem 21</b>	Caminhada pela frente da Igreja de São Francisco	85
<b>Imagem 22</b>	Caminhada Pelas Ruas de Nazarezinho-PB	85

## LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A	Roteiro das Entrevistas	95
------------	-------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	15
1.1 Percursos da Caminhada Metodológica .....	20
1.2 A Procura e o Encontro com os Vaqueiros .....	21
1.3 Estratégias da Pesquisa .....	22
<b>2- A VAQUEJADA: O SÍMBOLO CULTURAL DO ESPORTE NORDESTINO</b> .....	26
2.1 A Vaquejada na Região Nordeste e a Geografia Cultural .....	26
2.2A Vaquejada e o Vaqueiro .....	30
2.3 Evolução da Vaquejada e a Questão de Gênero .....	36
2.4 Caracterizando os Vaqueiros .....	42
2.5 O que são os vaqueiros .....	42
2.6 A derrubada do boi: da legislação de defesa e de acusação. ....	44
2.7 O Vaqueiro Amador e o profissional .....	47
2.7.1 A vaquejada e suas diversidades.....	48
2.7.2 Aproximação com os Vaqueiros através da Pesquisa .....	49
2.7.3 Os personagens da Vaquejada .....	50
2.7.4 A Vaquejada como uma cidade itinerante .....	61
2.7.5 Localizando o Parque São Sebastião .....	62
2.7.6 o caminhão: a casa dos vaqueiros.....	64
<b>3- MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NA VAQUEJADA: A PEGA DE BOI, VAQUEJADA DE MORÃO E A VAQUEJADA NA ATUALIDADE</b> .....	67
3.1 As Pegadas de Boi .....	67
3.2 Corridas de Morão .....	70
3.3 Vaquejada moderna .....	72
<b>4- ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: A VAQUEJADA COMO ESPORTE, CULTURA, LAZER, COMPETIÇÃO E NEGÓCIO</b> .....	78
4-1 Importância Cultural e Econômica da Vaquejada.....	86
4.2 Aspectos positivos e Negativos nas vaquejadas .....	87
CONSIDERAÇÕES.....	88
REFERÊNCIAS .....	90
GLOSSÁRIO .....	93
APÊNDICES.....	94

## 1. INTRODUÇÃO

A relevância do estudo da obra musical de Luiz Gonzaga do Nascimento, o ‘Rei do Baião’, a luz das ciências de comunicação, tem sua justificativa assentada em múltiplos aspectos e motivos, o que se revela na sua importância para a produção de conhecimento sobre a formação da cultura brasileira e, por conseguinte Nordestina. Ao falarmos em cultura brasileira Luís Gonzaga se constitui como referência na música e na cultura Nordestina, nascido na cidade de Exu, Pernambuco, em 13 de dezembro de 1912.

Desde criança Luiz Gonzaga se interessou pela sanfona de oito baixos do pai, a quem ajudava tocando zabumba e cantando em festas religiosas, feiras e forrós. Saiu de casa em 1930 para servir as forças armadas, no Exército, como voluntário, quando em 1939 saiu e residir no Rio de Janeiro, levando sua primeira sanfona nova. Começou a participar de programas de calouros, inicialmente sem êxitos, até que, no programa de Ary Barroso, na Rádio Nacional, solou uma música sua, ‘Vira e mexe’, e ficou em primeiro lugar. A partir de então, começou a participar de vários programas até conseguir gravar seu próprio disco em 1941. Em 1943, já na Rádio Nacional, iniciou com a instituição de um personagem e se caracterizou num personagem da cultura Nordestina passando a se vestir como Vaqueiro Nordestino. Nesse momento, em parceria com Miguel Lima, utilizando-se da música ‘Vira e mexe’ transformou-a em ‘Chamego’, a qual o revelou com sucesso, seguido do lançamento das músicas ‘Baião’, e ‘Asa Branca’, dentre outras.

O Cantor e Compositor Luiz Gonzaga considerado o Rei do Baião, divulgou pelo Brasil os forrós pé-de-serra, o xote, o xaxado e outros estilos musicais, cujas letras evidenciavam a pobreza, as dores e as injustiças presentes na sua região de origem, ecoando e desvelando a desigualdade social regionalmente produzida e mediada pelo Estado Brasileiro, a partir das quais se desvelaramas tristezas e os clamores de um povo que, desvalido de políticas públicas e organização social capaz de transformar suas vidas em seu lugar restou-lhe muitas vezes o êxodo rural pelo desprezo e mau tratamento dado ao Semi-árido Nordestino, visto pelas elites e pelo Estado como celeiro de possibilidades, mas para o povo pobre da Região como lugar de atraso e de sofrimento.

Em suas músicas, Luiz Gonzaga levava consigo a missão de representar o povo Nordestino, relatando em suas músicas suas alegrias e tristezas e contando para o Brasil acerca da realidade climática regional e, a partir desta, a inadequação da ação do Estado

brasileiro em relação à população da região Semi-árida, cujas políticas e programas se voltaram ao desenvolvimento do que se chamou indústria da seca, promovendo a permanência do estado de miséria das populações locais, ao passo em que beneficiou as elites agrárias do Nordeste com projetos de construção de reservatórios hídricos e de cultivos agrícolas em áreas circundantes aos grandes corpos hídricos proporcionando desta forma, a transformação de espaços de pobreza com condições naturais similares em celeiros de oportunidades e possibilidades contrapondo-se à intensa miséria de maioria daquelas populações, as quais, via de regra não fazem parte do processo, exceto como mão-de-obra.

A música de Luiz Gonzaga transformou-se num dos maiores fenômenos de popularidade da música nacional que entrou para a história da cultura popular brasileira, produzindo conteúdos, narrativas, sob as mais diversas formas de expressão, capazes de serem entendidas pelas camadas populares, sem deixar de serem aplaudidas pelas mais diversas classes sociais do país.

Um acontecimento que marcou a vida do Rei do Baião foi a morte do seu primo, o vaqueiro Raimundo Jacó, morto no município de Serrita, Pernambuco (PE), durante uma disputa pessoal. A partir desse momento Luiz Gonzaga compôs a música ‘A Morte do Vaqueiro’, bem como o Padre João Cântio criou a Missa do Vaqueiro que reúne milhares de pessoas, desde 1971. Celebrada no sítio Lages, município de Serrita – PE, local onde o corpo de Raimundo Jacó foi encontrado, a referida missa reúne, anualmente, no terceiro domingo de julho, vaqueiros de todo o Nordeste que se encontra em romaria para celebrar.

A Morte do Vaqueiro, música que denuncia a violência, tradição e ausência de justiça para a classe trabalhadora no Sertão Nordestino, desvela que não há anúncio do culpado.

O Vaqueiro representa um dos principais ícones do Nordeste. Um personagem que inspirou o artista e, que, portanto, assim como aquele usava gibão e roupas de couro, vestimentas estas que os protegem dos espinhos da vegetação nas corridas de pega de boi, mas também são roupas que representam o Cangaceirismo no Sertão, especialmente através da figura de Lampião.

Além dessas questões emblemáticas do Sertão Nordestino a figura do vaqueiro surge no contexto brasileiro, uma vez que este espaço reúne o maior rebanho de equinos da América Latina e, o terceiro mundial com 5,9 milhões de animais (Lima et al., 2006). Esse segmento movimenta anualmente 7,3 bilhões de Reais (MAPA, 2013). A vaquejada



é reconhecida como esporte que se utiliza de cavalos e se destaca na Região Nordeste como atividade cultural, uma modalidade que surgiu a partir da lida com o gado, quando estes eram criados soltos em meio à vegetação nativa, em terras soltas ou mesmo em grandes extensões de terra que por vezes dificultavam o acesso ao gado bovino.

A vaquejada é reconhecida como atividade esportiva, entretanto, é antes de tudo, cultural, de lazer e geradora de renda para diversos seguimentos envolvidos, como ocorre no município de Nazarezinho, Paraíba, Região Geográfica Imediata de Sousa, Paraíba (Mapa 01), sobre a qual se debruçou e se elegeu objeto de estudo resultante neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O interesse pela pesquisa realizada se deu pela história pessoal da pesquisadora e autora em função de ser camponesa, vaqueira, mulher, de estatura baixa, cuja condição feminina se dá expressando diferenças em meio ao contexto das vaquejadas, um ambiente caracterizado pelo machismo e a presença, eminentemente masculina.

O problema que veremos nesta pesquisa são os obstáculos para reconhecimento da vaquejada como patrimônio cultural e as características desse esporte. Durante a realização desta pesquisa foram construídas algumas hipóteses como:

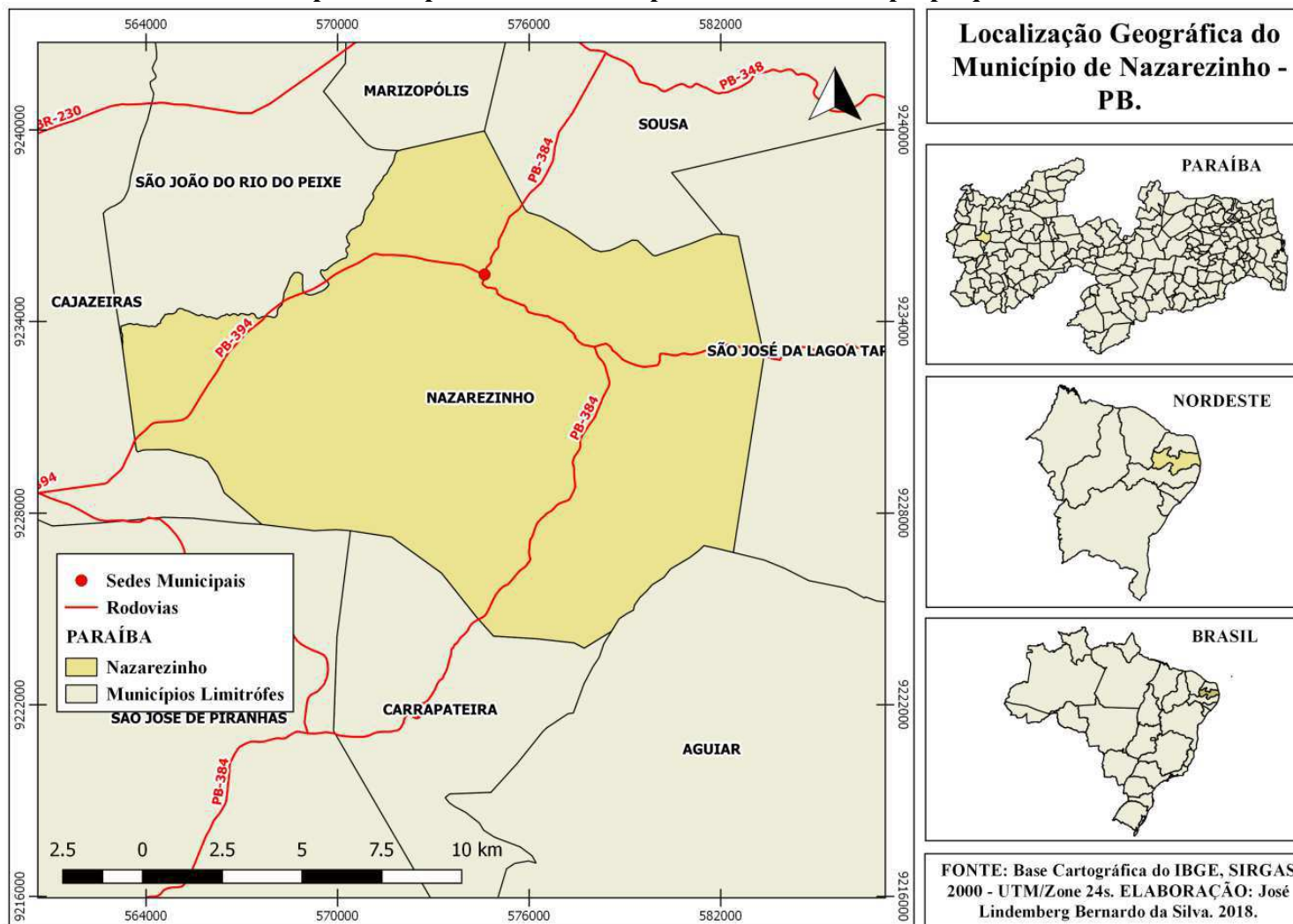
- A vaquejada é uma atividade que vem gerar para os vaqueiros da cidade de Nazarezinho;
- A vaquejada não tem um papel positivo na economia da cidade de Nazarezinho;
- Antes, durante e depois da realização do evento da vaquejada toda a geografia da cidade de Nazarezinho sofre alterações, seja no aspecto físico ou no aspecto fenomenológico;

O objetivo deste trabalho é identificar no município de Nazarezinho – PB como ocorre à vaquejada e quais suas expressões culturais características, considerada como atividade cultural da região Nordeste. Na cidade de Nazarezinho – PB esta prática é constante, sempre acontecem torneios e competições nos parques locais de vaquejadas. Já os objetivos específicos são:

- Analisar as pistas das vaquejadas da cidade de Nazarezinho;
- Destacar a vaquejada como uma atividade cultural da Região Nordeste;
- Vivenciar como acontece às competições dentro do Município;

Para a compreensão desse evento partimos da análise pautada na Geografia Cultural e, para tanto, traz-se as contribuições de Carl Sauer (2007) o qual concebe as relações entre o homem e o ambiente, a paisagem como um habitat e rompe com as premissas que traziam o conceito de cultura a partir das perspectivas formal, funcional e genérica. Segundo o autor (*idem*) à Geografia importa o mundo vivido, isto é, o espaço conforme apreendido pelas diferentes pessoas, a partir de suas influências culturais.

Mapa 01- Mapa de Nazarezinho apresentando o município pesquisado



Fonte: Elaboração por Lindemberg Bernardo da Silva, 2018.

## 1.1 Percursos da Caminhada Metodológica

Tentando atender aos objetivos dessa pesquisa utilizou-se de pesquisa qualitativa norteada pelo levantamento bibliográfico, de campo e documental, contemplando a investigação participativa junto aos vaqueiros, entrevista semi estruturada e análise das informações de pesquisa. Optou-se por esses tipos de investidas no campo de estudo, por que eles nos possibilitarem a observação com detalhes, as diferenças, as similaridades junto aos sujeitos da pesquisa resultante neste TCC.

O uso das entrevistas semi estruturadas (Apêndice A) desenvolvidas com roteiros tanto possibilitou que os informantes ficassem à vontade nas conversas como ajudou a se conseguir uma superação da dificuldade na obtenção das informações dos vaqueiros quando inicialmente se apresentava alguma dificuldade de resposta. Tal dificuldade decorria, por exemplo, do fato destes, quando estavam competindo nas vaquejadas, necessitarem de maior concentração para realizar uma apresentação perfeita.

A pesquisa de campo se realizou no período de julho a outubro de 2018, no qual se contatou com oito (08) vaqueiros entre 16 a 50 anos de idade e experiência nas vaquejadas locais, todos disponíveis voluntariamente a participar da pesquisa enquanto realizavam os treinamentos das corridas que acontecem no próprio município, onde possui um local similar a um parque de vaquejada, construído para os vaqueiros treinarem para as competições. Além destes também se entrevistou calzeiros e tratadores de animais, vaqueiros amadores, cancelheiros etc.

O registro das informações se deu mediante observação direta dos espaços internos e externos dos parques de vaquejada, dos cavalos, bois, vaqueiros, caminhões, os quais vêm registrados com uso de fotografias que demonstram a variedade dos parques de vaquejadas e momentos específicos da vida dos vaqueiros em ação registrando as imagens mais expressivas do evento. Para tanto, se fez uso também de caderneta de campo.

Os dados e a observação direta revelam a presença mais de homens do que mulheres nas vaquejadas. Convém ressaltar que as entrevistas abrangeram a trajetória dos vaqueiros nas vaquejadas para se poder compreender as mudanças como exemplo nas normas jurídicas acerca das vaquejadas e as adaptações dos sentidos atribuídos ao seu modo de vida no evento.

Os entrevistados autorizaram a publicação das informações de pesquisa, bem como suas identificações pessoais. Apenas um componente dos entrevistados não quis se identificar, mas aceitou publicar as suas conversas, embora em alguns questionamentos ele fique em silêncio sem nada responder.

As entrevistas realizadas implicaram numa busca de inserção na vida cotidiana dos vaqueiros nas vaquejadas, com o intuito de se apreender sobre suas práticas recorrentes nas mais diferentes situações e locais, quais sejam, nos caminhões, nas festas, nas brincadeiras e nas competições, o que significou observar tudo que pudesse conter os seus significados culturais. Teve desempenho nesta pesquisa mapas para mostrar o local de estudo, uso da música de Luiz Gonzaga, as quais aludem às histórias dos vaqueiros nos Sertões.

## **1.2 A Procura e o Encontro com os Vaqueiros**

Neste tópico sobre o encontro com os vaqueiros vamos falar da realidade de como foi o percurso até se conseguir a atenção e adesão dos entrevistados a participar do estudo realizado. Partiu-se da procura por vaqueiros conhecidos da pesquisadora, o que não foi muito fácil porque a maioria deles é de localidades diferentes e foi preciso maior esforço de deslocamento para diferentes locais com vistas à realização das entrevistas.

A autora deste trabalho se insere como participante na pesquisa resultante neste trabalho, pois que se considera vaqueira e pela condição de mulher considera que existe preconceito com as mulheres na vaquejada. Para muitos homens as mulheres não têm coragem de subir num cavalo, correr numa arena e derrubar um boi, claro que e preciso de treinamento pra isso, porque não e só subir no animal e derrubá-lo e preciso ter garra e muita disposição e força na hora de puxar o rabo do animal, não e uma tarefa fácil, mais com dedicação se chega lá.

Como autora deste trabalho, considerada de pequena estatura, mulher pobre, constantemente é chamada de “Caipira do Sitio” só porque gosta de estar cuidando do gado junto com seu avô. Vaqueira desde os 12 anos de idade aprende com seu avô a ser guia na mata seca da Caatinga no município de Nazarezinho-PB. Aos 16 anos, ao ganhar seu primeiro cavalo, considera o melhor presente que já ganhou em toda a sua vida, e hoje participa dos treinos com os vaqueiros do gênero masculino, mas ansiosa para participar

de torneios com mulheres. Como vaqueira a autora deste trabalho se posiciona acerca da figura da mulher capaz em condição de competir com igualdade no cenário das vaquejadas.

Como futura professora de Geografia a autora percebe a importância de discutir a vaquejada, tanto pela valorização do espaço geográfico, como também trazer a realidade como mulher e educadora para um público que muitas vezes não valoriza a cultura do seu espaço e região.

Observaram-se eventos de vaquejadas no município de Nazarezinho-PB nos parques mais conhecidos localmente, quais sejam: Parque São Sebastião, no Sítio Serrote dos Bois, Parque Né Mendes, na Fazenda Catolé e, Parque Chico Higino, no Sítio Curtume.

No período da pesquisa ocorreu a realização de uma vaquejada, no dia 29 de setembro de 2018, quando foram consolidadas quase mil senhas, o que proporcionou aos vaqueiros, muitas corridas disputando uma variedade de prêmios. Esta vaquejada se tornou uma oportunidade para a reunião dos vaqueiros, envolvidos na pesquisa resultante neste trabalho.

O percurso em busca das vaquejadas foi desenvolvido, tentando-se seguir os deslocamentos constantes dos vaqueiros no município em torno dos parques de vaquejadas, com o objetivo de se saber como são vivenciadas as viagens daqueles e também de conhecer como eles se organizam em cada vaquejada. Desse modo, procurou-se seguir essas mobilizações dos vaqueiros para as vaquejadas, o que provocou uma andança por várias comunidades rurais do município de Nazarezinho - PB.

### **1.3 Estratégias da Pesquisa**

As estratégias adotadas para se inserir no grupo investigado foram de dois tipos: contatos preliminares com os vaqueiros e a realização de entrevistas.

A pesquisa exploratória permitiu verificar-se como de fato a vaquejada se desenvolvia e como se poderia realizar a inserção do pesquisador no grupo. E foi graças a essa modalidade de pesquisa que se puderam levar adiante os contatos informais com, por exemplo, o vaqueiro Igor, na vaquejada. Ele foi o primeiro informante, conduzindo,

inclusive, a pesquisadora a conhecer, na vaquejada, os seus amigos vaqueiros. Estes, por sua vez, também adotavam tal atitude, facilitando assim, a continuidade da pesquisa.

Todavia, a interação com os vaqueiros não foi nada fácil alguns muito tímidos não se expressar verbalmente, enquanto outros pararam na caminhada, às vezes ficava em silêncio, pois revelavam que as perguntas lhes faziam lembrar-se da vida quando eram vaqueiros jovens, e isso os deixou emocionados, e a mim também, pelo fato de o ser vaqueiro não se constituir muitas vezes uma atividade e profissão valorizada na sociedade atual.

Os vaqueiros entrevistados revelaram suas conquistas nas festas de vaquejadas e afirmaram seu posicionamento machista quando diziam que as mulheres adoram cabra macho, bruto. Outros afirmaram que as mulheres deveriam competir com eles, enquanto outros diziam que não. Na oportunidade, um dos entrevistados, Igor, com o qual se teve contato por ocasião do Estágio Curricular Supervisionado em Geografia, durante a formação de professores na qual a pesquisadora se encontra, afirmou: “Professora Daiane, eu adoraria correr numa pista contigo, e ver a senhorita vestida de vaqueira. Iria chamar muita atenção. (risos)”.

Diante das situações vivenciadas, ficou mais fácil o contato com eles, para isso, foi preciso participar de suas brincadeiras, compartilhar de momentos de trabalho e de lazer.

Diante das estratégias de contato, as entrevistas foram as que mais favoreceram oportunidades na inserção do pesquisador no campo de estudo. Estas, uma vez realizadas, permitiam a formação de redes de contato: os vaqueiros entrevistados informavam sobre outros vaqueiros que podiam conversar com o pesquisador. Eles diziam: “Você já entrevistou fulano? Ele é um vaqueirão.” “Você já entrevistou fulano? Ele é um dos mais antigos na vaquejada”. “Ele já ganhou muitos prêmios.” ou diziam: “Aquele ali é um ótimo vaqueiro, puxador de boi.” Essa indicação foi importante porque os informantes no campo conheciam quem poderia melhor ajudar na pesquisa, uma vez que conheciam sobre o que realizavam.

A parte não tão esperada, foi o prazer dos vaqueiros em saber que estavam participando de uma pesquisa importante para uma universidade, onde eles seriam colaboradores de um excelente trabalho, e mais ainda, saber que sua profissão e sua vida dura em ser vaqueiro Nordeste seriam valorizadas na Academia, assim como para o leitor conhecedor deste trabalho.

As investigações realizadas permitiram reunir um material para que se viesse a fazer uma análise dos fenômenos que envolvem os vaqueiros nas vaquejadas. Terminada a fase de pesquisa de campo, restava agora juntar o material coletado e fazer a análise das informações.

Com relação à estrutura deste trabalho cumpre afirmar que, além desta introdução, há mais três capítulos.

No segundo capítulo “A Vaquejada Símbolo Cultural do Nordeste”, vê-se como acontece a prática desse esporte na região Nordeste, correlacionando com a Geografia Cultural, desde a sua evolução até os dias atuais e tratando também a questão de gênero que vai falar sobre o preconceito com a presença das mulheres como vaqueiras, nas festas de vaquejada. Mais adiante, fala-se sobre a pista de competição, os seus componentes, as suas regras e significados são discutidos neste capítulo como um campo social complexo que envolve as práticas dos vaqueiros. Essa complexidade se dá pela formação de uma espécie de cidade itinerante nas vaquejadas que possibilita os movimentos constantes dos seus personagens entre a chamada casa (caminhões) e a rua (parque de vaquejada). Para tanto, utilizou-se o parque de vaquejada do “Parque São Sebastião” (Nazarezinho-PB) como referência, para descrever como é a sua organização e como ocorrem determinadas práticas nos seus espaços específicos. Falamos das leis que oficializam a vaquejada, discorrendo sobre a preservação dos animais para não ocorrer dos maus-tratos durante as corridas.

No terceiro capítulo “Manifestações Culturais na Vaquejada: A pega de boi, Vaquejada de Morão e a Vaquejada na Atualidade”, descreve-se a vaquejada contemporânea, apontando os seus componentes e funções desenvolvidas na competição. Em seguida, apresenta-se a vaquejada um grande espetáculo um modelo diferente do evento realizado no período em que predominavam os vaqueiros nas pequenas fazendas.

No Quarto e último capítulo, “Entre o Sagrado e o Profano: A Vaquejada como Esporte, Cultura, Lazer, Competição e Negócio” veremos o termo central nas festas de vaquejada e nas cavalgadas realizadas na cidade de Nazarezinho – PB, a festas profanas durante os eventos das corridas e o sagrado visto na missa do vaqueiro que são sempre realizadas no pequeno município. Não esquecendo de destacar a importância econômica e cultural das vaquejadas e os seus principais aspectos.

As considerações finais deste trabalho mostram a realidade deste evento, como a vaquejada é vista como negócio, mas também como um esporte praticado naquele



município. A aproximação e o contato direto com os vaqueiros deram a entender que se deve continuar valorizando a cultura, assim como ocorre na música de Luís Gonzaga apresentada neste trabalho.

Em outras palavras, a contribuição desta investigação se dá pelas referências aos estudos de gênero no campo do esporte pautado na vaquejada, sobretudo em relação ao vaqueiro, uma vez que as suas representações são produzidas por personagens diversos que manifestam a evidência do universo rural. Para entender melhor sobre esta temática discute-se no próximo tópico sobre a vaquejada cultural na Região Nordeste.

## **2- A VAQUEJADA: O SÍMBOLO CULTURAL DO ESPORTE NORDESTINO**

Neste capítulo iremos discutir sobre a vaquejada, uma atividade cultural bem conhecida no nosso Nordeste, e correlacionar esse esporte tão falado com a geografia cultural através de relatos de alguns autores como Roberto Lobato Corrêa, Claval, etc. No decorrer do texto veremos as características dos vaqueiros, o que são e fazem verdadeiramente esses homens valentes. Começamos descrevendo a vaquejada desde sua evolução até seus circuitos atuais, as leis que oficializam a prática desse esporte em nosso território, e ainda mais nos dedicamos a mostrar como acontece esta prática no Parque São Sebastião localizado no município de Nazarezinho.

### **2.1 A Vaquejada na Região Nordeste e a Geografia Cultural**

A prática da vaquejada nasceu na década de 1940, na Região Nordeste do Brasil. Os primeiros registros de atividades aconteceram nas fazendas localizadas no Sul da Bahia e Norte do estado do Ceará. A habilidade em derrubar o boi vem da forma como esses animais eram tratados na época. Geralmente, eles eram soltos na Caatinga e os povos dos Sertões precisavam desenvolver estratégias para prender esse gado livre. Este costume foi ganhando destaque entre os boiadeiros e fazendeiros que começaram a organizar eventos em determinadas épocas do ano. Os coronéis e senhores de Engenhos também perceberam que a vaquejada poderia ser um passa tempo para suas famílias e vizinhos e passaram a investir na festa.

A vaquejada surgiu no Nordeste brasileiro entre os séculos XIX e XX. Na época, as fazendas de pecuária não eram cercadas, e boiadas de diferentes fazendeiros se misturavam nos pastos. Quando os vaqueiros faziam a separação das boiadas, alguns animais eram mais difíceis de serem conduzidos. Por isso, era necessário puxá-los pelo rabo e derrubá-los. Os vaqueiros que se destacavam na prática passaram a ganhar fama e derrubar o boi pelo rabo virou esporte. O objetivo da vaquejada, praticada sempre por duplas de vaqueiros, é encurralar o boi com os cavalos e derrubá-lo puxando seu rabo. É necessário deixá-lo com as quatro patas para cima para marcar pontos.

E uma atividade cultural que atrai milhares de pessoas para seus eventos, não só pode causar do esporte com cavalos, mais também numa forma de gerar renda, emprego para vaqueiros da região.

E por falar em “região”, devemos esclarecer um pouco sobre seu conceito. Segundo o autor Roberto Lobato Correa (2003, p. 22) discorre:

[...] a região deve ser vista com o um conceito intelectualmente produzido. Partimos da realidade, claro, mas a submetemos à nossa elaboração crítica, na sequência, procurando ir além da sua apreensão em bases puramente sensoriais. Procuramos captar a gênese, a evolução e o significado do objeto, a região.

Para o autor (*idem*), o conceito de região é considerado à luz do materialismo histórico, ou seja, “[...] como um instrumento de ação e controle dentro de uma sociedade de classes” (*Ibidem*). Baseando-se nessa concepção emerge o debate acerca do conceito de organização espacial. Ambos são utilizados como aporte teórico-metodológico da proposta de regionalização feita pelo autor.

A discussão sobre o conceito de organização espacial que Roberto Lobato Corrêa (2003) desenvolve está baseada na Geografia Crítica. Para fundamentar a abordagem acerca do conceito de organização espacial são destacadas, primeiramente, as dificuldades encontradas ao estudar a sociedade, devido, sobretudo, à sua complexidade e diversidade de elementos. Estes se articulam de tal modo que se pode pensar numa totalidade social, cuja complexidade compreende as contradições internas e os movimentos de transformação.

Para o autor Roberto Lobato Corrêa (2003, p.54), a expressão organização espacial possui vários sinônimos, como: estrutura territorial, configuração espacial, formação espacial, arranjo espacial, espaço geográfico, espaço social, espaço socialmente produzido ou, simplesmente, espaço. Para entendermos melhor estas questões colocadas acima devemos falar um pouco da ciência geográfica em si.

A geografia é uma ciência cujo objeto de análise é da mesma categoria que o analista, ou seja, o homem e a natureza são elementos do meio que constroem ações e objetos. Assim, o homem por fazer parte da sociedade é elemento essencial nos processos que engendram a relação sociedade-natureza, portanto da organização espacial e assim, membros de uma relação dinâmica de fixos e fluxos, um agindo sobre o outro. Desta forma, a geografia se interessa pela relação entre espaço e cultura, que é uma tradição da Ciência Geográfica. Segundo Paul Claval (2001, p. 99), “a natureza humana é um produto da cultura da qual a sociedade é portadora.”

De acordo com o autor a uma relação entre espaço e cultura, no caso da vaquejada o vaqueiro e um produto que marca a cultura, ou seja, a prática desta atividade na nossa região nordeste.

Segundo Corrêa (1999, p. 51), “o ressurgimento da Geografia Cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica.” Assim, percebe-se que as manifestações culturais trazem uma variedade de fenômenos e fatores, por vezes subjetivos ligados à cultura que geram o simbolismo e trazem alterações significantes e contraditórias às sociedades. Para o autor Claval (2001, p. 14).

A cultura é um fator essencial de diferenciação social (e de status que é reconhecido a cada um). Nas sociedades complexas, nem todos compartilham da mesma herança: existe um modelo aceito por muitos e cuja ascendência é tal que é reconhecido pela maioria da população – chamado dominante – mas este é contrabalanceado pelas dissidências, pelas contraculturas e pelos movimentos de revolta.

Para entendermos melhor esse contexto devemos debater um pouco sobre a geografia desde o final do século XIX na qual se espraiava pelo viés humanista com vigor e vislumbra não apenas o espaço de ação do homem, mas também os produtos da ação no espaço e, no tempo. Daí surge os territórios que configuram identidades e pertencimentos sociais. Os grupos, portanto, necessitam do espaço para se reordenar, se reconhecer e exercer sua cultura.

Um dos maiores geógrafos culturais de nosso tempo, afirma:

A Geografia Cultural nasceu no fim do século XIX, no mesmo momento em que a Geografia Humana. Para alguns geógrafos, ela aparecia como outra formulação da Geografia Humana. Para outros, ela se interessava pela cultura material dos grupos humanos: as suas ferramentas, as suas casas, a sua maneira de cultivar os campos ou de criar animais. O seu desenvolvimento permanecia lento até os anos 1970. Depois, o seu caráter mudou. Doravante, o interesse maior é pelas imagens mentais, as representações, o simbolismo, as identidades. Nos anos 1990, começamos a falar da virada cultural da disciplina. (CLAVAL 2001)

Quando falamos em grupos sociais e espaço para exercer a cultura, nós vem a mente a questão dos vaqueiros do nordeste que a todo momento luta para a vaquejada não acabar, para que esta festa cultural não chegue ao fim, pois a mesma é um grande destaque na nossa região e também um grande negócio para quem vive desta prática.

Na história do pensamento geográfico é relevante dividi-la em três tempos basilares:

- Do final do século XIX até os anos 1950: Os geógrafos adotavam uma perspectiva positivista ou naturalista, não estudando as dimensões mentais da cultura. O interesse voltava-se para os aspectos materiais da cultura, tais como as técnicas e a paisagem metamorfoseadas pelo homem. As referências e experiências subjetivas dos lugares foram esquecidas e renegadas voluntariamente. Mesmo assim, algumas contribuições foram deveras importantes e contribuíram para o avanço da Geografia Cultural, na medida em que as relações homem-meio ambiente-meio social foram consideradas imprescindíveis para obter-se um olhar mais humanizado, profícuo e global acerca das questões geográficas considerando como elementos relevantes a análise dos fatos sociais e dos meios de difusão espacial das instituições, técnicas e paisagens. Para isso, a organização regional e o papel dos lugares passaram a ser determinantes.
- Anos 1960 e 1970: A evolução da Geografia Cultural representou a adoção de um novo olhar, derivado do período anterior. A partir de então, uma nova metodologia pôde ser elaborada.
- Após os anos 1970: A Geografia Cultural deixa de ser um subdomínio da Geografia Humana; torna-se equiparável à Geografia Econômica ou à Geografia Política. O sentido final da Geografia Cultural é compreender a significação que o homem impõe ao ambiente.

Nesses pontos destacados vimos a geografia cultural de acordo com os anos, a sua evolução, e também a sua mudança ao longo dos tempos. Explicando seu verdadeiro sentido compreender a questão da relação do homem com o meio em que vive, ou seja, o espaço onde esta inserido. O autor Bonnemaïson (2002, p. 86), descreve:

dedica-se hoje uma atenção nova à irredutibilidade do fato cultural. Este não é mais visto como a superestrutura vaga e fluida na qual se tenta encerrar uma concepção bastante materialista. A cultura hoje tende a ser compreendida como uma vertente do real, um sistema de representação simbólica existente em si mesmo e, se formos ao limite do raciocínio, como “uma visão de mundo” que tem sua coerência e seus próprios efeitos sobre a relação da sociedade com o espaço.

Portanto, a dimensão cultural encontra-se intimamente relacionada com o espaço. Não há produto cultural em que não há espaço apropriado para que essa cultura se desenvolva e imprima sua marca, delimitando e caracterizando territorialidades. Saindo de uma visão simplista e negligenciada da cultura, ou daquela que a concebe como sendo supraorgânica, entende-se sua importância a partir da visão de Corrêa (2003, p. 13), que a define como “um reflexo, uma mediação e uma condição social” que influencia e é influenciada pelos aspectos espaciais.

Partindo da abordagem supracitada viu-se a necessidade de conceituar o tema de investigação, a vaquejada, como objeto de estudo. Assim sendo, traz-se nas linhas seguintes uma abordagem acerca da vaquejada e suas principais características, buscando relacioná-las como o conceito de vários estudiosos.

## **2.2A Vaquejada e o Vaqueiro**

A Vaquejada é uma tradição que vem passando de geração em geração há centenas de anos. Na sociedade atual além de mantenedor da cultura de uma região do país é a mola propulsora da economia dos Estados Nordestinos. Sendo o carro chefe de toda a indústria do cavalo Quarto de Milha. A Vaquejada está contida como patrimônio cultural nordestino, que vem passado de pai para filho trazendo em suas raízes a tradição através do esporte, a criação de empregos diretos e indiretos e o sustento de milhares de famílias.

A origem da vaquejada remonta da época dos coronéis, quando não havia cercas no sertão nordestino e o gado era criado livre na mata. Depois de meses soltos, os animais eram selecionados para serem ferrados e comercializados. A tarefa de recolher o gado era executada por homens montados em seus cavalos (Maia, 2003). Estes vaqueiros se embrenhavam na mata cerrada, perseguindo, laçando e guiando o rebanho. Como os animais se reproduziam na mata, os bezerros eram selvagens, por nunca terem mantido contato com o homem, sendo estes os mais difíceis de capturar. Nessa luta, alguns vaqueiros se destacavam por sua valentia e habilidade e acredita-se que daí surgiu à idéia da realização de disputas (Felix e Alencar, 2011).

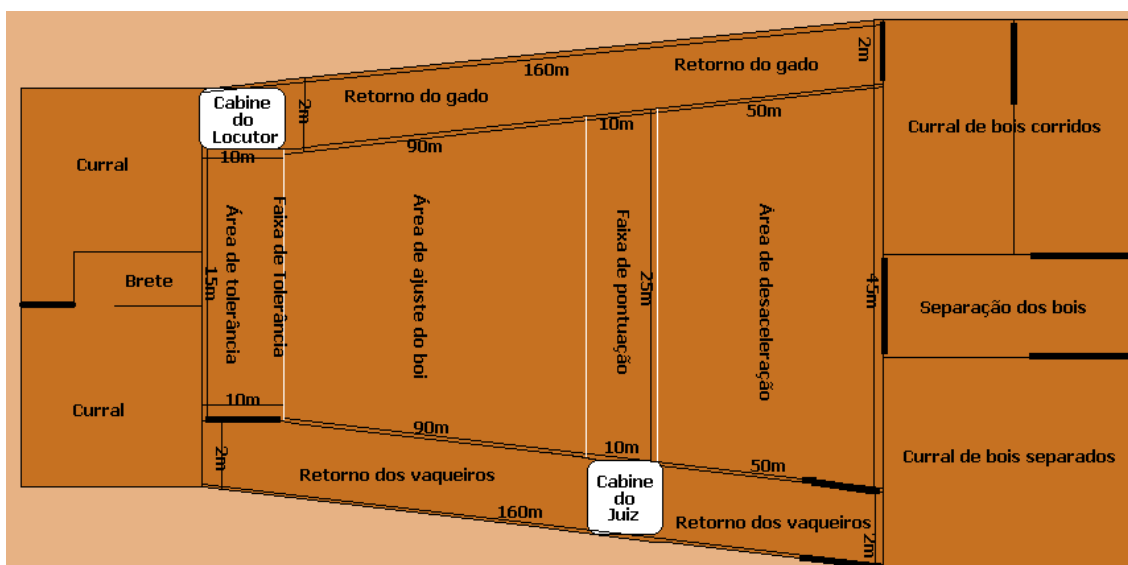
A vaquejada em si como todos sabem consiste na ação que envolve um boi solto em uma arena e dois vaqueiros montados em um cavalo que tem que tentar derrubar o animal. Esta é uma atividade bem conhecida, recentemente, o Supremo Tribunal Federal – STF no dia 06/10/2016 decidiu que a vaquejada era ilegal,

porque os animais eram expostos ao sofrimento, o que contraria os princípios do meio ambiente previstos na Constituição. Praticantes da vaquejada têm protestado contra a decisão em várias cidades do Nordeste, pois segundo os vaqueiros, a vaquejada é uma atividade econômica e cultural que vem gerar empregos e fomenta o turismo rural nas regiões.

O berço das vaquejadas é a cidade de Currais Novos, Rio Grande do Norte onde a tradição é mantida até os dias atuais, ocorrendo com a presença de muitas pessoas que a assistem em parques onde acontecem as competições associadas à realização do forró. A cidade de Currais Novos recebeu esta denominação através dos currais de apartação de gado bovino que existiam desde 1760. Embora essa atividade seja típica da região Nordeste também se pode encontrá-la no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, na Região Sudeste.

Durante a competição na arena, dois homens perseguem um boi, até emparelhá-lo entre os cavalos. O objetivo é levar o animal às duas últimas faixas pintadas com cal, marcadas no chão onde ocorre a competição. Os animais ficam acondicionados em áreas próprias, separados entre currais e brete, à esquerda, na Figura 1, à espera do momento da corrida e derrubada do boi; e, à direita, Curral de bois separados, área de Separação dos bois e Curral de bois corridos, para os momentos posteriores à corrida e, a derrubada do boi.

**Figura 1: Arena ou Pista de Vaquejada**



**Fonte:** <https://sites.google.com/site/serradosertoavaquejada/a-pista-de-vaquejada>.

Na arena de vaquejada, o boi deve ser derrubado pelo puxador, um dos vaqueiros, que puxa o rabo do boi, derrubando-o dentro da faixa apropriada, a Faixa de Pontuação. O outro vaqueiro, o batedor de esteira, tem a função de levar o boi para o derrubador, empurrando-o com as pernas do seu cavalo entre a Área de Tolerância e a Área de ajuste do boi.

**Imagem 01: Arena ou pista de corrida na derrubada do boi**



**Fonte:** Acervo da Autora, 2018.

**Imagem 02: Vaqueiro do município de Nazarezinho – PB**



**Fonte:** Acervo da Autora, 2018.



Contudo, nem sempre o vaqueiro em seus treinos de corridas se encontra caracterizado, vestindo-se com roupas do cotidiano dispensando desse modo a vestimenta característica do vaqueiro, segundo afirma Luiz Gonzaga em suas músicas.

**Figuras 2, 3 e 4: Vestimentas de vaqueiro.**



**Fonte:** disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=vestimenta+de+vaqueiro>.

**Figura 5: vaqueiro na Caatinga na pega de boi**



**Fonte:** <https://www.google.com.br/search?q=vestimenta+de+vaqueiro>.

**Figura 6: Vaqueiro Nordestino**



**Fonte:** <https://www.google.com.br/search?q=vestimenta+de+vaqueiro&>

A sanfona, o chapéu e a lida do vaqueiro se eternizaram na música ‘Chapéu de Couro e Gratidão’.

### **Chapéu de Couro e Gratidão**

Luiz Gonzaga

Aquela sanfona branca  
 Aquele chapéu de couro...  
 Como é bonito Benito  
 Quem é poeta e que ver  
 Como é bonito Benito  
 Poetas como você  
 A minha sanfona branca  
 Cor da paz do sonhador  
 Sonha que é teu piano  
 Tocando coisas de amor  
 O meu sol nasce mais cedo  
 Não tem hora pra largar  
 Racha pedra, queima a pele  
 Dá mais força no cantar  
 Como é bonito Benito( bis)

A minha voz de Nordeste  
 Vai ser som universal  
 Quando nós cantarmos juntos

Meu baião na capital  
Bato palmas, trago flores  
De Januário, a benção  
E no meu chapéu de couro  
Nada mais que gratidão  
Como é bonito Benito ( bis)

Em muitas vezes, apenas lembrado nas canções de Luiz Gonzaga, o vaqueiro Nordestino passa por um doloroso processo de esquecimento da sua cultura, contudo a festa da vaquejada, mas também a existência e permanência dos vaqueiros de fazendas expressam a resistência cultural desse povo. Este personagem da história do Brasil, que por sua valentia na condução do rebanho bovino nos Sertões, especialmente na direção desses espaços desde a época da Colonização, foi o principal responsável pela atual formação territorial do Nordeste.

Hoje o vaqueiro se tornou destaque na região Nordeste pela sua coragem e seu desempenho nas atividades ligadas às fazendas, na lida com o gado e, principalmente a vaquejada que é um esporte cultural muito praticado nessa Região. O vaqueiro foi o maior personagem da inspiração de Luiz Gonzaga, o rei do Baião, o qual em suas músicas ensaiou o aboio. Como ícone representativo do Sertão Nordestino e do vaqueiro Luiz Gonzaga eternizou em sua música símbolos que anunciam o vaqueiro, quais sejam, o chapéu de couro e o gibão como vestimentas utilizadas no cotidiano dos vaqueiros como roupa de couro para sua proteção diária na vegetação espinhosa da Caatinga, característica da Região Nordeste.

Com a evolução dessa atividade houve a necessidade da utilização de cavalos mais eficientes em corridas de curtas distâncias, ou seja, “animais de explosão” cuja rapidez e habilidade no manejo com gado se destacassem, no qual se inseriu a raça Quarto de Milha. Isso porque nas provas de vaquejada, é exigido esforço físico dos animais; pois estes realizam exercício de alta intensidade e curta duração, que se reflete em rápida largada, mudanças de direção e paradas abruptas. (Xavier, 2002). Portanto, as montarias inicialmente formadas por cavalos nativos, foram sendo substituídas por animais geneticamente mais adaptados.

A competição consiste em dois conjuntos, cavalo e cavaleiro que, em uma arena de areia com dimensões de 120 metros de comprimento e 30 metros de largura, tem o objetivo de derrubar o boi dentro de uma área demarcada por duas faixas marcadas com cal e distantes 10 metros uma da outra. O grito de ordem dito pelos vaqueiros “valeu o boi” é dito sempre que o boi é derrubado na faixa. Portanto, para “valer o boi”, ou seja,

para que os pontos sejam válidos, o boi deve cair mostrando as quatro patas e levantar-se dentro deste limite. Vence a dupla que obtiver maior número de pontos. Cada evento tem a participação de centenas de duplas de vaqueiros, compostas por indivíduos denominados puxador e esteira, cujas funções são, respectivamente, derrubar o boi pelo rabo e alinhar o animal na pista, impedindo-o muitas vezes que este caia fora da área de pontuação (Lima et al., 2006).

### **2.3 Evolução da Vaquejada e a Questão de Gênero**

De acordo com o historiador Câmara Cascudo por volta de 1810 ainda não existia a vaquejada, porém já se tinha conhecimento de uma atividade bem parecida, que era a "derrubada de vara de ferrão" praticada na Europa, mais precisamente em Portugal e Espanha. Possivelmente essa prática européia espirou os precursores da vaquejada, que teve seus primeiros registros na região do Seridó, no estado do Rio Grande do Norte, mais precisamente na cidade de Currais Novos, onde entre os anos de 1860 e 1890 acontecia uma tradicional apartação e feira de gado.

Sabe-se que em meados da década de 40 os vaqueiros de várias partes do Nordeste, começaram a tornar público suas habilidades nas corridas de mourão, que eram provas de coragem e bravura dos vaqueiros. Nesse período os principais incentivadores foram os Coronéis e Senhores de Engenho, que passaram a organizar torneios de vaquejada, onde o vaqueiro era o competidor e os coronéis e senhores de engenho os apostadores, o vaqueiro nesse tempo recebia apenas um agrado pelas suas conquistas.

Na década de 50 os torneios começaram a migrar das fazendas para as vilas e centros urbanos do nordeste, e deixava-se de ser divertimento apenas dos coronéis e seus familiares, e passavam a atingir uma massa maior de público. Nesse período as pistas eram improvisadas, sem ser forrada os acidentes com vaqueiros e animais eram freqüentes, e não havia faixa demarcada para derruba do boi, ganhava quem derrubava mais rápido, mas começava nesse tempo a ser cobrado valores dos participantes (senhas) e o prêmio distribuídos, formato de bolão. As montarias eram de raça comum, utilizavam os cavalos da lida.

Entre as décadas de 60 e 70, surgem às primeiras vaquejadas com utilização de faixa de 6 metros, era a fase do boi de arrasto onde era permitido derrubar fora das faixas e arrastar para dentro delas, nesse tempo a força prevalecia á técnica. A animação cava

por conta das difusoras e tocava-se Luiz Gonzaga, Trio Nordestino e Marinês. Na década de 70 começam a introduzir cavalos de porte maior, com o cruzamento de animais comuns com de sangue inglês, obtendo animais com boa velocidade, porém com pouco senso de gado.

Na década de 80, surge a nova regra, onde a faixa aumenta passa para 10 metros, e a força não é mais diferencial entre os vaqueiros, a técnica passa a ser mais importante. Surgem às grandes premiações, com carros nas cabeças das festas, e as atrações musicais já cavam por conta de Galego Aboiador, Vavá Machado e Marcolino, Elba Ramalho, Alcimar Monteiro, Eliane, Jorge de Alinho e Dominginhos. De acordo com o site Diário Vaquejada(2011), nesse período começou a introdução da raça Quarto de milha na vaquejada, que é um animal veloz e com senso de gado, baseando se na genética importada pelo Grupo King Ranch (El Zorrero, Dan's Boy Skiip, FailasAmabassador, Zanador e etc), porém acreditava-se nessa época que o grau de sangue ideal era o mestiço (1/2 sangue, 3/4 e 7/8), havia a lenda de que cavalo puro afrouxava, de certo modo tinha-se razão, o problema estava na doma dos animais, que era feita de forma inadequada, com muita força bruta e pouca técnica, animais puros buscavam a autodefesa.

Na década de 1990 a vaquejada se profissionaliza, surgem às grandes equipes, os parques constroem grandes estruturas, as organizações saem do poder público e passam para o privado, nascem os circuitos de vaquejada (Circuito Brahma, Circuito Mastruz com Leite e Circuito Ford) que tentam deslizar os vaqueiros. Surgem grandes bandas de forró como: Mastruz com leite, Limão com mel, Mel com Terra, cavalo de Pau, Sirano e Sirino, João Bandeira, Luizinho de Irauçuba e etc. Podemos citar como grande contribuinte e incentivador da vaquejada o Sr. Emanuel Gurgel, que é o fundador da Banda Mastruz com Leite e outras.

A maioria das bandas hoje compõem musicas sobre a vaquejada, contando historias das corridas, os amores que começam nas festas de vaquejada etc. A musica trás muitas questões da cultura nordestina. O Rei do Baião Luiz Gonzaga fazia musicas falando da sua cidade natal, da sua região para pessoas que não a conheciam, e as musicas sobre vaqueiros foram criadas pelo seu grande orgulho em ter um primo vaqueiro valente e corajoso que foi Raimundo Jacó, o qual foi morto friamente, já a musica saga do vaqueiro da banda mastruz com leite, conta a historia de um vaqueiro pobre que se apaixona pela filha do fazendeiro e apesar de correspondido, fica separado da amada. A música com mais de oito minutos de duração, narra desde o inicio da paixão ate o reencontro após a

separação e a revelação de um fruto do relacionamento proibido. E a música meu vaqueiro, meu peão que foi o marco inicial do forró da cantora Rita de cássia, regravada pela banda mastruz com leite fala do vaqueiro montado em seu alazão, destaca mais a questão do orgulho de uma mulher que esta sempre ao lado do seu peão nas vaquejadas, a partir dessa música o forró começa a tomar conta de todo o nordeste com a nova linguagem romântica, a poesia

### **Vida de Vaqueiro**

**Luiz Gonzaga**

Eu quarqué dia  
 Vou-me embora pro sertão  
 Pois saudade  
 Não me deixa sossegar  
 Chegando lá  
 Visto logo meu gibão  
 Selo o cavalo  
 E vou pro mato vaquejar

O bom vaqueiro  
 Traz sempre no alforge  
 Farinha seca  
 Rapadura, carne assada  
 Mas tem um fraco  
 Que é um vício que num foge  
 Samba de fole  
 Com muié desocupada

A música Vida de Vaqueiro de Luiz Gonzaga trás um discurso muito preconceituoso com a mulher, mais aos poucos as mulheres vão aparecendo nas vaquejadas cumprindo o papel dos vaqueiros, nos quais sob um bom cavalo de raça, tem de perseguir o boi até emparelhá-lo e conduzi-lo ao local a ser derrubado. Para isso e

preciso utilizar força. Hoje a mulher esta sendo inserida em todas as áreas que um dia foram consideradas impossíveis de serem conduzidas pelo publico feminino.

### **Saga de um vaqueiro**

Vou pedir licença pra contar a minha história  
 Como um vaqueiro tem suas perdas e suas glórias  
 Mesmo sendo forte, o coração é um menino  
 Que ama e chora e por dentro e segue seu destino  
 Desde cedo assumi minha paixão de ser vaqueiro  
 E ser um campeão  
 Nas vaquejadas sempre fui batalhador  
 Consegui respeito por ser um vencedor...  
 Quando me preparava pra entrar na pista  
 Quando olhei de lado quase escureci a vista  
 Quando vi uma mulher, aquela que foi a minha vida  
 Segurei no meu cavalo para não cair  
 Tremi, fiquei nervoso quando eu a vi.  
 Enxugando e abraçando o vaqueiro bem ali...  
 Entrei na pista como um louco  
 O bate-esteira percebeu  
 Andei foi longe do boi  
 A isso nunca aconteceu.  
 O vaqueiro entrou na pista e eu fiquei a observar  
 Ela acenava, ela aplaudia  
 E ele boi a derrubar  
 Derrubou o boi na faixa  
 Ganhou o primeiro lugar.  
 Fiquei desconsolado  
 Envergonhado eu fiquei  
 Perdi o grande prêmio, isso até eu nem liguei  
 Mas perder aquele amor, ah eu não me conformei!...  
 Ela veio sorridente em minha direção  
 E trouxe o vaqueiro pegado em sua mão  
 Olhou-me nos meus olhos  
 Falou com atenção:  
 Esse é o nosso filho que você não conheceu  
 Sempre quis ser um vaqueiro como você um campeão  
 E pela primeira vez, quer a sua benção...  
 Eu chorava de feliz, abraçado com meu filho  
 Um vaqueiro como eu  
 Eu nunca tinha visto  
 Posso confessar o maior prêmio  
 Que Deus me deu!..

Rita de Cássia. Lançada em 1990.

Durante a pesquisa foi possível observar que prevalece na vaquejada a presença masculina e, por conseguinte, o machismo, ou seja, se ver mais homens nas corridas de cavalos do que mulheres, isso vem gerar preconceito por a mulher ser nomeada de sexo frágil, acaba que sendo retirado qualquer vínculo com a vaquejada, impossibilitando a participação da mulher no esporte.

A prática da vaquejada inclui além de homens, as mulheres que entram na pista e competem. Desde 2012 uma associação trabalha para o reconhecimento destas atletas atendida pelo nome de Associação Brasileira de Vaqueiras– ABRAVA. Esta entidade auxilia as mulheres nas provas oficiais e realiza suas próprias competições.

Entre os principais campeonatos está o Circuito ABRAVA, realizado em oito etapas nos estados de Pernambuco, Paraíba, Maranhão, Ceará e Pará. Mas, além de brigar dentro das pistas pela melhor colocação, essas mulheres ainda encontram a desigualdade entre gêneros. Enquanto a premiação das categorias masculinas chegam no geral a R\$ 300 mil em prêmios, as mulheres correm para concorrer no máximo ao título de R\$ 10 mil.

Nos anos 2000 os grandes empresários vêm na vaquejada um novo modo com grandes oportunidades de ganhar dinheiro, ela deixa de ser apenas um esporte e passa a ser uma nova atividade lucrativa, isso acontecem com a introdução de grandes shows artísticos (aumento do público), leilões de cavalos Quarto de milha, venda de animais por grandes valores.

No ano de 2004 acontece a internacionalização da vaquejada, com a realização no Parque Novilha de Prata em Itapebussu - CE, do primeiro campeonato mundial de vaquejada, com a participação de 11 países: Argentina, Canadá, Costa Rica, Colômbia, Cuba, Estados Unidos, Guatemala, México, Panamá, Uruguai, e mais os melhores competidores de cada estado Brasileiro.

De acordo com o Diário de Vaquejada hoje esta atividade se consolida como um dos principais esportes brasileiros, havendo competição em quase todo território nacional, gerando milhares de empregos, perdendo na movimentação de cifras apenas para o futebol. A vaquejada só tende a crescer como um bom esporte para o povo nordestino e também para amantes da vaquejada em outras regiões. O crescimento veio pelo fato da criação das categorias (aspirante, amador, profissional), fazendo com que a prática desse esporte se expanda.



Desde seu surgimento como expressão da cultura de um povo até o momento atual a vaquejada passa por transformações que além da expressão cultural apresenta a mediação comercial com a expressiva oferta de prêmios de valores consideráveis que variam desde dinheiro em espécie até veículos automotivos, motocicletas, dentre outros.

Os prêmios, além de dinheiro, podem ser automóveis e motocicletas. Alguns circuitos chegam a oferecer centenas de milhares de reais em prêmios. De acordo com a Associação Nacional de Vaquejadas (ANV), a movimentação econômica desta atividade é calculada em R\$ 164 milhões por ano, sendo que o total de pessoas ocupadas de forma permanente é calculado em 1430 pessoas. Deve-se destacar que atualmente as vaquejadas são eventos de grande porte, não limitados apenas ao esporte, mas com apresentações musicais e outras atrações para o público (Lima et al., 2006).

As fazendas de antigamente com o passar do tempo vão se estruturando de acordo com as da atualidade e novas vão se criando. Suas estruturas, formas de criação dos animais, qualidades são melhoradas para obter ótimos vaqueiros e animais, que na vaquejada, dão o seu melhor para levar resultado para sua equipe. Dentre uma pesquisa realizada em alguns estados encontram-se os seguintes parques e haras de vaquejada com maiores títulos em disputas pelas regiões brasileiras:

<b>Estados e Parques de Vaquejada</b>	
Serrita Pernambuco	Parque Nacional do vaqueiro
Pernambuco	Parque Haras VM
Pernambuco	Parque Milani
João Pessoa-PB	Parque Rancho do Pinguim
Campina Grande-PB	Parque Ivandro Cunha Lima
<u>Serrinha-BA</u>	Parque Maria do Carmo
Jaguaquara-BA	Parque Miguel da Hora
Campo Grande -RN	Parque Sant'Ana
Mossoró-RN	Parque Porcino Park Center
Fortaleza-CE	Parque Clube do Vaqueiro

Maragogi, Alagoas	Parque Sossaité
-------------------	-----------------

Quadro 01 Apresentando os estados e parques de Vaquejadas.

Disponível

em: [www.portalvaquejada.com.br](http://www.portalvaquejada.com.br)

## 2.4 Caracterizando os Vaqueiros

Como sabemos vaqueiro é o nome que designa ao responsável que cuida de um rebanho de gado, de modo análogo à concepção americana do cowboy. No nordeste do país onde essa expressão é bem vista identificamos um vaqueiro por suas vestimentas de couro, tipo a jaqueta de couro (Gibão), chapéu de couro com abas largas, luvas e botas também de couro, pois o couro protege a pele do vaqueiro contra queimaduras vindas do sol e dos galhos e espinhos das árvores da caatinga, mata ou sertão de espinhos verdes, características do nosso Nordeste brasileiro.

A vida dos vaqueiros de hoje não era muito diferente da de antigamente, pois o sertanejo não está motorizado. Correr atrás do animal desgarrado faz parte do seu dia a dia. No Nordeste como no sul esta prática é bastante comum ver por estradas de terras esses homens do sertão brasileiro, da área rural, vestidos de roupa de couro correndo atrás das reses, ariscando sua vida em plena caatinga e ou nos pampas do sul, de árvores verdes - espinhentas e cheias de surpresas de possíveis quedas de seus cavalos, pois para perseguir o gado tem que usar o Cavalo e trazer para o Caminhão, e não uma tarefa muito fácil pois o vaqueiro além de conduzir vários animais ele tem que ter o controle do cavalo que o mesmo vai montado.

## 2.5 O que são os vaqueiros

O vaqueiro é a figura central de uma fazenda e o operador, pois o patrão geralmente é ou foi um vaqueiro. Seu trabalho é árduo e contínuo. Passa grande parte do tempo montado a cavalo percorrendo a fazenda, fiscalizando as pastagens, as cercas e as aguadas (fonte, rio, lagoa ou qualquer manancial existente numa propriedade agrícola) os empregados não vaqueiros conduzem os veículos para o transporte.

Cabe ao vaqueiro também reunir os animais nos currais, além de ferrá-los, ou seja, utilizando um ferro em brasa colocar em cada um a marca do seu dono, que acontece em todo o Brasil.

Uma das coisas que o caracterizam é o aboio que na verdade é um canto que os vaqueiros utilizam para conduzir o gado para o curral ou na pastagem. Eles aboiam também quando precisam orientar um companheiro que se perde numa serra, ou se extravia numa caatinga. O vaqueiro usa sempre um par de esporas e nas mãos uma chibata de couro, indicando que, se não está montado poderá fazê-lo a qualquer momento. O Dia Nacional do Vaqueiro é comemorado anualmente em 29 de Agosto. Sendo que segundo os próprios sertanejos, todo o dia é dia de vaqueiro e vaquejada.

Barbosa (2006) afirma que ser vaqueiro é uma conquista pautada no reconhecimento próprio de sua presença contínua nas vaquejadas:

Ser vaqueiro desportista, é essencialmente torna-se possível. Ser reconhecido e poder ser apresentado ao público por meio de entrevistas às revistas especializadas em vaquejadas; é ser convidado para dar início à abertura de uma grande vaquejada ou outras cerimônias públicas [...] ter fama é gozar de um prestígio tal que toca as raias do universo masculino. O campo da masculinidade é muito movediço, por isso, há a necessidade, quase incessante de prová-la o tempo todo. (BARBOSA, 2006 P. 114)

De acordo com as palavras do autor é possível entender que ser vaqueiro é viver na profissão, e algo que demonstra muito orgulho a quem vive nesse ramo afinal não é uma atividade fácil, mais que na verdade merece ser privilegiada. E ainda deixa bem claro o orgulho da masculinidade em estar nas corridas, por os homens serem reconhecidos como pessoas mais duras e corajosas nas corridas da vaquejada, o orgulho em ser sempre campeão, sem precisar provar nada para isso.

De acordo com o entrevistado Igor, ser vaqueiro:

“e aquela pessoa que tem aquela paixão de cuidar do gado, e cuida de verdade, sabe tratar e saber zelar, pra mim é considerado vaqueiro”. (Informação Verbal).

Então a partir da afirmação do entrevistado podemos perceber que ser vaqueiro de verdade é viver da paixão principalmente na lida com o gado, e ter aquele cuidado com os animais não só os das corridas, mais também aqueles que todo fazendeiro tem no seu curral. Ser vaqueiro é ter orgulho do que se possui, do que se batalhou muito para conseguir.

## **2.6 A derrubada do boi: da legislação de defesa e de acusação.**

A vaquejada é uma prática derivada do fenômeno da apartação, esta era realizada antigamente para separar o gado de um determinado proprietário, selecionar os animais que seriam comercializados e aqueles a serem castrados ou ferrados. No decorrer dos anos essa atividade foi transformada em uma festa popular que arrecada milhões, sendo de interesse de grandes empresários (MENEZES, 2006). Resta questionar se tal prática está em consonância com a Constituição Federal, pois mesmo encontrando-se com o escopo de atividade cultural e desportiva, submete os animais utilizados a maus-tratos. Podemos notar isso na hora da puxada do boi pelo rabo, que a força utilizada pelo vaqueiro acaba que o derrubando no chão.

A Constituição em seu art. 215, § 1º, garante a livre manifestação cultural, em contrapeso seu art. 225, § 1º, VII traz a vedação a atos que submetam os animais a maus-tratos. Esse aparente conflito foi dirimido pela Suprema Corte, que decidiu pela inconstitucionalidade da prática da vaquejada, decisão essa que foi posteriormente contrariada pelo Poder Legislativo, que poucos meses após a decisão editou a lei 13.364/16 que trouxe a vaquejada como prática desportiva e de patrimônio cultural imaterial.

Os defensores da vaquejada como prática desportiva e cultural trazem como fundamento o art. 215, § 1º, da Constituição Federal, que versa sobre a proteção as manifestações culturais existentes no país. Enquanto a corrente contrária encontra suporte no art. 225, § 1º, VII, da CF/88, segundo esse dispositivo incumbe ao Poder Público “proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade”.

Em 08 de janeiro de 2013 o Estado do Ceará editou a Lei nº 15.299, que regulamentou a vaquejada como prática desportiva e cultural e criou critérios para a competição e regras de segurança para peões e animais.

A vaquejada, como já relatado, consiste em uma competição onde dois vaqueiros a cavalo têm como objetivo derrubar um touro puxando-o pelo rabo, dentro de uma área previamente demarcada por cal. Anteriormente tinha como escopo a produção agrícola, hoje é explorada como esporte e vendida como espetáculo, por ano, entre premiações, shows e publicidade, as festas movimentam em torno de 50 milhões (SAVANACHI,

online). Essa atividade traz como lícitas práticas visivelmente ilegais, que submetem animais à atos de crueldade.

A legislação estadual (lei 15.299/2013, do estado do Ceará) trouxe a vaquejada como prática desportiva e cultural na tentativa de fraudar a aplicação da regra constitucional de proteção à fauna. A prática desse “esporte” constitui verdadeira forma de tratar perversamente os animais ali utilizados, a lei ao admitir a realização dessa atividade autoriza a submissão desses espécimes a tratamento cruel, afrontando o que disciplina a Lei Maior.

O Supremo Tribunal Federal repudia a crueldade com animais visando divertimento humano, em sucessivos julgamentos a Suprema Corte tem advertido que essas práticas afrontam o disposto no art. 225, § 1º, inciso VII, da Constituição Federal. Veja-se:

EMENTA: COSTUME - MANIFESTAÇÃO CULTURAL - ESTÍMULO - RAZOABILIDADE PRESERVAÇÃO DA FAUNA E DA FLORA - ANIMAIS - CRUELDADE. A obrigação de o Estado garantir a todos o pleno exercício de direitos culturais, incentivando a valorização e a difusão das manifestações, não prescinde da observância da norma do inciso VII do artigo 225 da Constituição Federal, no que veda prática que acabe por submeter os animais à crueldade. Procedimento discrepante da norma constitucional denominado ‘farra do boi’. (RE 153531, Relator(a): Min. FRANCISCO REZEK, Relator(a) p/ Acórdão: Min. MARCO AURÉLIO, Segunda Turma, julgado em 03/06/1997, DJ 13-03-1998 PP- 00013 EMENT VOL-01902-02 PP-00388)

EMENTA: AÇÃO DIRETA DE INCONSTITUCIONALIDADE. LEI N. 11.366/00 DO ESTADO DE SANTA CATARINA. ATO NORMATIVO QUE AUTORIZA E REGULAMENTA A CRIAÇÃO E A EXPOSIÇÃO DE AVES DE RAÇA E A REALIZAÇÃO DE ‘BRIGAS DE GALO’. A sujeição da vida animal a experiências de crueldade não é compatível com a Constituição do Brasil. Precedentes da Corte. Pedido de declaração de inconstitucionalidade julgado procedente. (ADI 2.514/SC, Rel. Min. EROS GRAU). INCONSTITUCIONALIDADE. Ação direta. Lei nº 7.380/98, do Estado do Rio Grande do Norte. Atividades esportivas com aves das raças combatentes. ‘Rinhas’ ou ‘Brigas de galo’. Regulamentação. Inadmissibilidade. Meio Ambiente. Animais. Submissão a tratamento cruel. Ofensa ao art. 225, § 1º, VII, da CF. Ação julgada procedente. Precedentes. É inconstitucional lei estadual que autorize e regulamente, sob título de práticas ou atividades esportivas com aves de raças ditas

combatentes, as chamadas ‘rinhas’ ou ‘brigas de galo’. (ADI 3.776/RN, Rel. Min. CEZAR PELUSO).

Assim como nesses julgados, a lei que regulamenta a vaquejada está em conflito com a Constituição Federal, pois esta veda quaisquer atos que submetam os animais a maus-tratos, ainda que em um contexto cultural específico.

Na mesma vertente Steinmetz (2009, online) afirma que “o tratamento com crueldade está para os animais assim como a tortura está para os humanos”, alega que a proibição da tortura é um mandamento definitivo, não podendo ser afastado por outro princípio ou regra. O autor ressalta que a Constituição não proíbe o abate de animais para consumo, mas é contra “a crueldade, ou seja, maus-tratos, abusos, mutilação etc” que possa haver incorrido.

Foi proposta no STF uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI 4.983), pelo então Procurador-Geral da República, Roberto Monteiro Gurgel Santos, desafiando a constitucionalidade da lei nº 15.299/13, do estado do Ceará, que regulamentou a prática da vaquejada e a instituiu como atividade desportiva e cultural.

No julgamento da ADI o Supremo Tribunal Federal decidiu sabiamente, por maioria e nos termos do voto do relator, pela procedência do pedido formulado para declarar a inconstitucionalidade da lei estadual (BRASIL, STF, 2016). Vale ressaltar que estavam em conflito duas espécies que compõe o direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado, quais sejam: o meio ambiente natural (compõe este conceito a vedação à atos de crueldade contra animais) e o meio ambiente cultural (garante o ante o exposto, a vaquejada foi considerada incompatível com a Constituição Federal, de modo que qualquer ato que venha tratar a prática de forma lícita é inconstitucional, violando o direito fundamental a um meio ambiente ecologicamente equilibrado:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

§ 1º Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público:

(...)

VII - proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade.

O processo foi julgado na data de 06 de outubro de 2016. Deputados favoráveis à atividade e com foco em interesses próprios organizaram uma audiência pública em tempo recorde, na data de 25 de outubro de 2016, criaram o projeto de lei nº 24 de 2016, com o objetivo de elevar a vaquejada à condição de manifestação cultural nacional e de patrimônio cultural imaterial.

No dia 1º de novembro de 2016, o plenário do Senado Federal aprovou o Projeto de Lei citado, tornando a prática de rodeios, vaquejadas e suas respectivas expressões patrimônio cultural brasileiro. Em 29 de novembro de 2016, o texto já aprovado pela Câmara e pelo Senado, foi sancionado pelo então Presidente Michel Temer, sendo criada a Lei 13.364, tornando a vaquejada patrimônio cultural.

## **2.7 O Vaqueiro Amador e o profissional**

Segundo alguns vaqueiros a competição na vaquejada é construída por duas categorias associadas aos vaqueiros desportistas, a saber: a categoria amador e profissional.

A primeira categoria (Amador) foi criada por competidores que estão começando nas competições, como tratadores de cavalos, filhos (a) de vaqueiros campeões de vaquejada. Por isso envolve personagens advindos de diversos espaços sociais, com objetivos distintos, que remetem a possibilidades diversas de participação no evento. Nesse sentido podemos compreender que estes personagens são aqueles que geralmente não vivem da atividade de vaqueiros, mas podem tornar a sua experiência no evento um meio de vida.

A segunda categoria, ou seja, o vaqueiro profissional é caracterizada por vaqueiros mais experientes e especializados nas vaquejadas. Por isso, tais atores sociais vêm o evento não apenas como diversão, mas como um meio de vida. Assim conhecidos vaqueiros profissionais são os que possuem mais tempo para se dedicar as vaquejadas. Montam nos cavalos diariamente e estão á inteira disposição do patrão. Nesse sentido cuidam dos cavalos nas fazendas e se preparam para correr nas vaquejadas. Quando, porem o patrão somente utiliza os vaqueiros para financiar as suas corridas, estes terminam por desenvolver atividades extras desenvolvidas como, domar cavalos ou “açoitar cavalos” de outros patrões. E nas fazendas que os vaqueiros são chamados de profissionais realizam o treinamento do seu cavalo e do seu patrão.

Assim, os vaqueiros profissionais, na condição de especializados, ficam na obrigação de atenderem a exigência natural de estarem preparados para competir. Por isso, repetem continuamente a correção do cavalo para que este fique adestrado ao modo do vaqueiro, o que pode consolidar a sua perpetuação como um excelente competidor, resultando no seu reconhecimento como “grande vaqueiro”.

A presença continua nas vaquejadas como competidor contribui para que o vaqueiro se sinta como tal. Assim, essa condição está diretamente relacionada á valorização da honra, recorrente da insistência competitiva durante todos os eventos realizados.

Sabemos que na vaquejada existe algumas categorias, as mais vistas são vaqueiros amadores e profissionais, Igor um dos entrevistados explica o porquê se considera um vaqueiro amador, e ainda mais explica na sua fala sobre o vaqueiro profissional:

No meu ponto de vista e o seguinte: Porque o vaqueiro profissional e aquele que não perde um boi, eu não, além da vaquejada eu me envolvo com a criação, eu também trabalho com gado a pasto dentro dos matos, eu não só trabalho na pista. Então como não só trabalho na pista, por isso por enquanto eu me considero um vaqueiro amador. (Informação Verbal).

De acordo com a opinião do entrevistado podemos entender que a maioria dos vaqueiros contemporâneos se consideram amadores porque eles conquistaram prêmios poucas vezes quando conseguem ser classificados nas corridas. E profissional quando em toda vaquejada ganha o prêmio, ou seja, não perde nenhum boi na hora da corrida.

### 2.7.1 A vaquejada e suas diversidades

Visitando as vaquejadas, a primeira impressão era de uma composição estrutural criada para a prática de um esporte onde se via mais homens nas competições do que mulheres. Sempre vemos o homem na vaquejada como “**Cabra Macho**”, conhecido como homem dominador, forte imbatível, heróico. Contudo ficou evidenciada a existência de um ambiente multifacetado e propicio á inúmeros do ser vaqueiro atrelado ao evento e aos participantes onde se concentram vários atores sociais como por exemplo (tratadores de cavalos, calzeiros, patrões etc.) e por espaços estruturantes como (os parques de vaquejadas, os caminhões, as festas, as competições etc.)



A vaquejada prevê uma estrutura erguida semanalmente nas cidades brasileiras, sobretudo nas nordestinas para receber os vaqueiros de vários lugares para as competições. Atualmente esse evento é realizado mediante circuitos locais e nacionais promovidos três a quatro vaquejadas por mês na cidade a qual esta sendo realizada a pesquisa.

A diversidade, uma das características do evento, também é representada pelas festas noturnas nos parques de Vaquejada e acaba que recebendo vários atores sociais como vaqueiros, patrões, público que gosta do esporte e bandas de forró que alegam as noites dos nordestinos.

### **2.7.2 Aproximação com os Vaqueiros através da Pesquisa**

As características dos vaqueiros nas vaquejadas revelam um perfil bastante heterogêneo. No que diz respeito à idade e tempo de corrida, os informantes apresenta-se numa faixa de idade entre 16 e 42 anos, enquanto o tempo de corrida entre 2 e 10 anos. Embora a faixa etária dos informantes tenha se restringido a jovens e adultos, isto não significa que a vaquejada não apresente competidores adolescentes. Esse evento cultural também recebe a presença de crianças competidoras, geralmente pela categoria denominada mirins, ocorrendo porém casos em que um adolescente pode correr com um vaqueiro experiente.

Apesar da participação das crianças na vaquejada não ser tão considerável, ela serve para os pequenos aprenderem técnicas como competidor. Isso porque quanto mais jovem se entra na vaquejada, mais profissional o futuro vaqueiro se tornara.

Observando as origens dos vaqueiros, percebe-se que estes são todos da região Nordeste. Nas entrevistas realizadas para este estudo contamos com a participação de um vaqueiro da cidade de Carrapateira-PB, e sete da cidade de Nazarezinho campo da nossa pesquisa.

Como sabemos nas vaquejadas a presença do patrão é muito importante para os vaqueiros. Quando o patrão vai contratar um vaqueiro, ou seja, ele contrata um competidor e também um animal que atenda as demandas técnicas nas competições, por exemplo, correr e puxar bem os bois nas competições. Dos 8 informantes por exemplo, três tinham patrão, o restante não. A falta do patrão para estes atores sociais decorriam do

fato de serem tão especialistas nas vaquejadas, e outros de não viverem especificamente somente dessa atividade.

Como por exemplo, o Vaqueiro Paulo relatou sobre não viver somente da Vaquejada:

“Faço de tudo um pouco trabalho com a criação de gado, suínos, plantação de cana e a vaquejada”.  
(Informação verbal).

<b>Atividade dos Vaqueiros</b>	Vaqueiro e outras atividades ligadas á vaquejada (estudantes, comerciantes, agricultores, etc.)	Vaqueiros e outras atividades (vaqueiros, tratadores de cavalos, e promotores de Vaquejada).
<b>Aprendizado para ser Vaqueiro</b>	Através da Família.	Sozinho
<b>Inserção na Vaquejada</b>	Ajuda de Amigos, paixão pelo esporte	Esforço Próprio.

Quadro 2- Quando apresentado as redes de contatos dos Vaqueiros entrevistados. Fonte: Pesquisa de Campo, Set 2018.

Esses dados revelam que, apesar da maioria dos vaqueiros entrevistados terem a tradição familiar como um elemento primordial que possibilitou seu surgimento, há uma rede de relações formada por candidatos a vaqueiros, amigos e patrões que também colaboram para o seu aparecimento nas vaquejadas. Então podemos perceber que essas relações vêm contribuir para torná-los vaqueiros.

### 2.7.3 Os personagens da Vaquejada

A complexidade nos parques de Vaquejadas tem como espaço estruturante a pista de competição. Sem ela não haveria corrida, nem festas, nem vaqueiros, nem bois, nem publico; enfim, a pista é o centro de encontro de todos os componentes do evento. E nela que a queda do boi vai valer, e também garantir ao vaqueiro o premio da competição.

E neste cenário que a competição na vaquejada ocorre especialmente quando dois vaqueiros montados em seus respectivos cavalos correm em “**pareia**” para “puxar o boi” entre duas faixas marcadas com cal, situadas quase no final da pista de competição.

Abaixo, tem-se o cenário de uma pista de vaquejada de outro ângulo, apresentando a corrida de uma dupla de vaqueiros para puxar o boi:



Imagem 3- Dupla de Vaqueiros - Fonte: Acervo pertencente á Maria Daiane da Silva,2018.

A posição desenvolvida pelos vaqueiros na competição, como ilustrado na fotografia, ocorre através de uma dupla conhecida como puxador e **batedor de esteira**<sup>3</sup>, que saem do **Brete**(Imagem 4) até à faixa de puxamento, para derrubar o boi entre as duas faixas. A corrida é realizada, ao mesmo tempo, pelo vaqueiro puxador e pelo vaqueiro batedor de esteira. O primeiro é responsável pela puxada do boi na área de puxamento, com a **unha de galo**, enquanto o outro tem a função de acompanhar e preparar o boi para ser puxado.

Os bois entram na pista por meio de uma porteira denominada de **brete**(Veja imagem a seguir), a partir do momento que o vaqueiro enfatiza “abre”, “vai”, “pode abrir”, “solte”. Enunciada a ordem de liberação do vaqueiro, o curraleiro abre a porteira para que o boi entre na pista de competição. Por sua vez, o animal ainda é controlado, por certo tempo, pelo vaqueiro, que conduz o cavalo para sua frente, liberando-o para entrar na pista de competição somente quando o vaqueiro recua o cavalo do ângulo de sua entrada.

\_\_\_\_\_<sup>3</sup>- O vaqueiro bater-de-esteira é o que confere e leva o boi lado a lado junto com o puxador.



Imagem 4 –“Brete” por onde os bois saem para as corridas.  
Fonte: Acervo Maria Daiane da Silva, 2018.

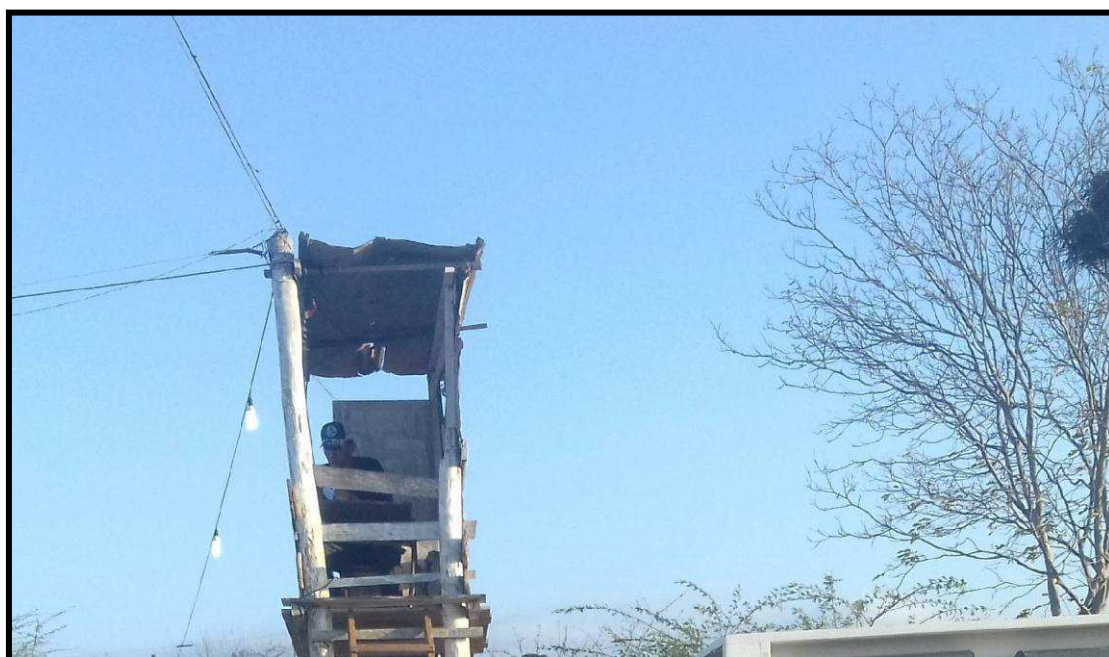


Imagem 5- Juiz na Vaquejada do Parque São Sebastião.  
Acervo: Pertencente á Maria Daiane da Silva, 2018.



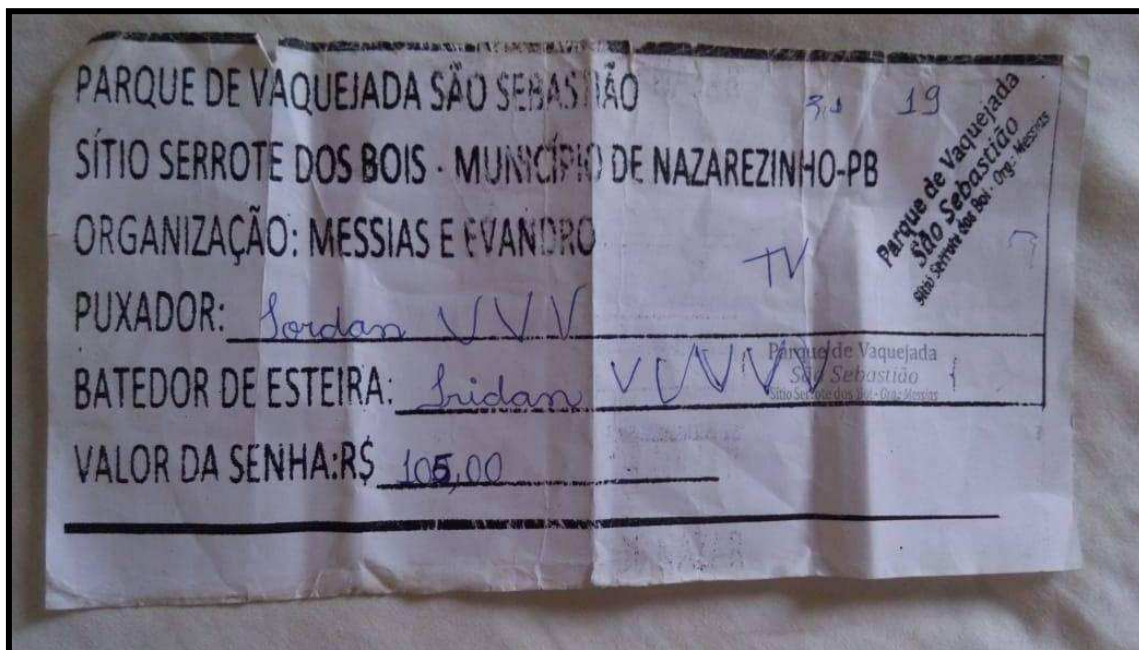


Imagem 6- Senhas ou fichas.

Acervo: Pertencente á Maria Daiane da Silva, 2018.



Imagem 7- Ganhadores do Prêmio da Vaquejada no Parque São Sebastião.  
Acervo: Pertencente á Maria Daiane da Silva, 2018.





Imagem 8 - Calzeiro no Parque São Sebastião.  
Acervo: Pertencente á Maria Daiane da Silva, 2018.



Imagem 09- Curraleiro.  
Acervo: Pertencente á Maria Daiane da Silva, 2018.





Imagem 10- Canceleiros do Parque São Sebastião.  
Acervo: Pertencente á Maria Daiane da Silva, 2018.



Imagem 11- Proteção no Rabo do Boi.  
Acervo: Pertencente á Maria Daiane da Silva, 2018.

Como a competição é constituída pela fase de classificação e pela fase final, denominada de “disputa”, os bois são separados segundo cada momento da competição. No momento da classificação, por exemplo, que é a fase da competição, os bois são mais leves, enquanto, na fase final, são utilizados bois mais pesados. A idéia é aumentar o senso de competitividade entre os competidores a partir do peso e do tamanho do touro, o que provoca mais esforço, mais disputa, mais controle técnico do vaqueiro com o cavalo.

Os bois geralmente escolhidos para vaquejada são os da raça *Nelore*, descendente genético do boi *zebu*. Estes são transportados, na maioria das vezes, do Pará e de Tocantins para as competições do Rio Grande do Norte. Nesta pesquisa os bois que são/foram utilizados nas vaquejadas são do próprio dono do Parque São Sebastião no sitio serrote dos bois, zona rural de Nazarezinho.

Convém ressaltar, porém, que, para correr na vaquejada, não basta o gado ser da raça supracitada. O boi tem mesmo é que ser “**mobral**”, como os vaqueiros afirmaram, ou seja, ainda não terem corrido em vaquejada, aparentando ser um gado brabo. Nas competições os vaqueiros preferem os bois que nunca estiveram numa corrida antes, conhecido como bois brabos, aquele gado que e criado muito tempo solto, pra disputa se tornar mais verdadeira, tem que ser um animal que nunca participou, que nunca ficou no meio de dois cavalos.

Uma coisa notória numa vaquejada e que não existe a participação de vacas nas competições, somente o boi (macho) e visto nas corridas.

Além da noção de duelar com macho, mesmo que seja um animal, há outros fatores apontados por Barbosa (2006) que impedem a entrada da vaca nesse modelo de competição.

Na vaquejada, a mulher é constantemente associada à figura da fêmea e o homem à figura do macho. Cavalo, boi e vaqueiro tornam-se símbolos de virilidade, força e potência, enquanto vaca, égua e mulher simbolizam o oposto: fragilidade, fraqueza e dependência. O papel conferido à égua e à vaca resume-se unicamente à capacidade que esses animais possuem para parir. (BARBOSA, 2006,p.98)

Nesse sentido, a representação da vaca e da égua feita pelos vaqueiros é associada à mulher; enquanto a do boi e do cavalo, ao homem. As mulheres não participam das



vaquejadas no campo desta pesquisa, como citado por Barbosa, 2006, elas são vistas como fêmeas frágeis, que não tem muita força pra derrubar o boi numa competição.

O quadro a seguir vai nos mostrar as opiniões mais claras de quatro vaqueiros entrevistados sobre a questão de se ver mais homens do que mulheres nas vaquejadas:

Porque se ver mais homens nas corridas do que mulheres?	
Vaqueiro 1	Falta de interesse das mesmas.
Vaqueiro 2	Porque as mulheres não se interessam muito pelo esporte.
Vaqueiro 3	Porque na nossa região as mulheres não têm coragem como os homens.
Vaqueiro 4	As mulheres são menos ousadas, e o esporte exige muita coragem.

Quadro 3- Quando apresentado a opinião dos vaqueiros acerca de mulheres nas vaquejadas. Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Diferente da idéia do autor Barbosa, 2006 o entrevistado Igor nos fala o porquê de se ver mais homens nas competições do que mulheres:

“E a questão do preconceito, porque tem muita que acha que isso e só coisa pra homem, e também tem muito homem que não deixa as mulheres participar, acha que e uma coisa dedicada só aos homens, que as mulheres não têm coragem nem disposição pra isso, mais as mulheres tem todo direito tanto como os homens”. (Informação Verbal)

Por isso como autora desta pesquisa, eu concordo com o entrevistado a respeito das mulheres na vaquejada, sou mulher vaqueira, e não aceito preconceito porque assim como os homens (cabra macho), as mulheres também conseguem ser competidoras, junto a eles. E também conseguem garantir o prêmio nas competições.

Nas vaquejadas, os vaqueiros não desenvolvem suas atividades isoladamente, e sim juntamente com a união de outros atores sociais que auxiliam no seu sucesso nas competições, como o bate-esteira, o cavalo, o tratador de cavalos e patrão.

A função do tratador é dar banho, alimentar, pentear, acompanhar os vaqueiros no corredor da pista de competição para prepara e trocar os cavalos e, às vezes, passear com os cavalos. Uma dessas tarefas como cavalo pode ser observada nesta fotografia registrada na Vaquejada do *Parque São Sebastião* em NAZAREZINHO-PB:

Imagem 12- Tratador banhando o cavalo antes da Vaquejada.



Fonte: Acervo Pertencente á Maria Daiane da Silva, 2018.

Esse suposto relaxamento pelo banho no animal tem uma conotação estética e física porque cavalo de vaqueiro é aquele que tem boa aparência e vigor anatômico, ou seja, é aquele que, além de não demonstrar cansaço, deve se apresentar com uma imagem que impressione os seus competidores na vaquejada.

Nesse sentido, o tratador se torna uma peça fundamental para o vaqueiro, porque é o regulador constante do cavalo, sobretudo quando há necessidade de manter este aquecido para as corridas que serão realizadas na competição. Esse profissional também auxilia os vaqueiros quando faz o passeio com animal pelo parque de vaquejada. Esta é uma prática comum, que também é muito realizada pelo vaqueiro, especialmente quando está próxima a sua apresentação.

Diante de todos esses personagens, convém ressaltar que junto com o vaqueiro, o cavalo e o boi, o patrão tem uma trajetória do passado associado diretamente à fazenda. Este se apresenta atualmente não somente como os fazendeiros de antigamente foram apresentados nas vaquejadas, até às décadas de 70 e 80, do século XX, nas discussões de Cascudo (2000) e Bezerra (1978).

Segundo esses autores, os fazendeiros assistiam as vaquejadas, corridas, buscavam ofertar algumas recompensas aos vaqueiros que se destacavam nas competições, especialmente ofertando-lhes *criações*, como carneiros e bezerros. Nesses períodos os

vaqueiros não ganhavam prêmios volumosos, ou sejam se apresentavam apenas como diversão e não como um negócio pra ganhar dinheiro.

Hoje é diferente: a diversão e o negócio são vistos de modo complementar entre vaqueiros, patrões e outros personagens que participam do evento. No que se refere aos patrões, além de alguns competirem nas vaquejadas, também fazem investimentos financeiros elevados, com o pagamento da inscrição dos vaqueiros, a compra de caminhões, de cavalos e o fornecimento da alimentação dos diferentes participantes das competições, especialmente dos vaqueiros e dos seus ajudantes.

A vaquejada hoje é vista como uma profissão, não somente como um esporte, um lazer, ela é vista como negócio, ela serve como geração de empregos e renda para os vaqueiros que vivem essa atividade. Igor vaqueiro deixa bem claro que:

“Eu só digo uma coisa a vaquejada não pode acabar não, por que faz parte da cultura do nordestino, e se acabar vai deixar muita gente desempregada e sem esporte, porque a vaquejada pra mim e pra muitos e mais do que um esporte e a nossa vida, e melhor que futebol porque a emoção é maior”. (Informação Verbal)

De acordo com o informante a vaquejada não pode deixar de existir, não pode acabar, não somente pela questão do negócio, mais também do lazer, e da nossa cultura nordestina, que não podemos deixá-la morrer.

A representação social dos vaqueiros nas vaquejadas não se restringe às influências dos cavalos, dos bois, dos tratadores de cavalos e dos patrões, mas à própria ação de outros personagens na competição, tais como juiz, calzeiros, fiscais de pista, cancelheiros, curraleiros e locutores. O primeiro desses componentes é o juiz. Ele é o responsável pelos julgamentos das “puxadas dos bois” dos vaqueiros nas competições. Numa vaquejada, geralmente esse personagem trabalha se revezando (dois ou três juizes), para dar conta dos dois, três e, às vezes, quatro dias de competição. Como se pode presenciar nas competições em Nazarezinho, no caso da vaquejada no Sítio Serrote dos Bois, que foi dois dias.

O juiz (imagem 5) faz seus julgamentos das corridas dos vaqueiros nas competições numa cabine suspensa sobre as cercas da pista de apresentação, localizada a sua frente as duas linhas onde os bois são derrubados. Esse local facilita a sua visibilidade para julgar as “puxadas” dos animais executadas pelos vaqueiros. O seu julgamento é baseado nas regras da competição, que geralmente seguem um padrão comum em todas as vaquejadas, qual seja: na abertura da competição, esse personagem discrimina as regras

que serão utilizadas como base para o julgamento das corridas dos vaqueiros na pista de apresentação e, em seguida, anuncia o seu início com a partida das primeiras duplas de vaqueiros na pista de corrida. Após os vaqueiros “puxar o boi”, o juiz avalia a sua corrida, expressando a palavra “**valeu o boi**”, para quem consegue colocá-lo entre as faixas, e “**zero**”, para aqueles que não tiveram êxito na puxada do animal.

Não devemos esquecer que durante a corrida o juiz vai chamando pelas fichas (Imagem 6), aquelas que foram escritas nas competições. Ao decorrer das disputas eles vão concorrendo através das fichas até alguém conseguir o prêmio final. (Imagem 7).

Os calzeiros (Imagem 8) são outros atores sociais que se destacam na vaquejada. Eles ficam próximos das faixas de puxamento, para renovarem a marcação, porque os bois puxados e as corridas dos cavalos apagam constantemente as faixas. São pessoas de camada social popular que trabalham semanalmente nas vaquejadas do Estado.

Essa atividade é realizada com canecas, de cano ou de lata, utilizadas para carregar a cal. As linhas da pista devem ser refeitas minuciosamente, pois marcam o destino da “puxada do boi”, executada pelos vaqueiros entre essas duas faixas. A má sinalização pode interferir no resultado da “puxada” daí porque os dois calzeiros entram na pista caminhando paralelamente próximo às faixas de puxamento, despejando cal de um lado a outro. Todo o trajeto deve ser feito a cada “puxada”, para verificar onde se precisa despejar cal para refazer as linhas. É um serviço que exige muito vigor físico e atenção.

Na vaquejada também tem os cancelheiros, a função deste embora muito simples, é fundamental para a competição, porque permite controlar-se a entrada e a saída dos vaqueiros na pista, com maior agilidade. O controle nas porteiras evita o congestionamento de vaqueiros na pista e impede que determinados competidores entrem nesta sem ser previamente chamados pelo locutor da vaquejada. Assim, a corrida entre os vaqueiros se torna mais rápida, mais dinâmica e organizada.

O que indica o momento da entrada do vaqueiro na pista é o convite do locutor da competição, que chama o competidor pelo número da inscrição, junto com o seu nome ou com o nome do grupo que ele representa. Quanto à agilidade da competição, esta deve ser assegurada pela operação dos curraleiros, que serão descritos no tópico seguinte.

Nos currais situados atrás do brete e no final da pista, ficam os curraleiros (Imagem 9). Estes têm a função de preparar os bois para corrida, mediante a sua separação e alimentação, seja nos currais próximos ao brete, seja nos de separação, que se situam, respectivamente, no início e no final da pista de competição. No que se refere aos

curraleiros, que se situam atrás do brete, estes são responsáveis pela separação dos bois para entrar na arena.

O locutor narra às corridas numa cabine localizada no início da pista. A sua função é chamar os vaqueiros para sua apresentação, mediante o seu número de inscrição ou senha, e narrar a corrida do vaqueiro, divulgando os patrocinadores do evento e anunciando as próximas vaquejadas que ocorreram no Nordeste brasileiro.

As narrações das corridas são acompanhadas de músicas de forró, tocadas no som ambiente da pista de competição, que podem ser transmitidas por caminhões ou por caixas de som colocadas em vários setores do parque. As músicas são apresentadas como um modo de identificação dos vaqueiros ao universo sertanejo tocado pelos cantores *solo* e bandas de forró conhecidas do público da vaquejada, como Amado Edílson, Calcinha Preta, Aviões do Forró, Mano Walter, Arreio de Ouro, Zé de Freitas dentre outros.

É evidente que a vaquejada adquiriu uma feição nova com as mudanças, Por isso, a partir do contexto exposto, é preciso especificamente discutir como a vaquejada se processa a cada fim de semana nos parques de vaquejada. Para tanto utilizou-se a Vaquejada do Parque São Sebastião que será descrita como exemplar para se ver como se desenvolve um evento desse porte.

#### **2.7.4 A Vaquejada como uma cidade itinerante**

A pesquisa realizada nos parques de vaquejada da pequena cidade de Nazarezinho-PB conduziu a que se viesse a associar o contexto à imagem de uma cidade itinerante. A explicação para isto advém tanto dos deslocamentos constantes dos vaqueiros em torno dos seus grupos de amigos e de seus concorrentes, dos componentes das competições e de populares, quanto das mudanças freqüentes para as cidades e da profusão de eventos programados durante as competições. Os parques de vaquejada, por isso, terminam sendo espaços não apenas físicos, mas também sociais, que permitem expressões diversificadas de ser vaqueiro.

De acordo com Barbosa (2006, p.92), o evento pode ser pensado como uma pequena cidade, em razão de o parque de vaquejada ser “caracterizado por práticas sociais bastante distintas, que nos permite perceber o parque como se fosse uma “cidade”, dividida entre a zona residencial e a zona central”.

Essa concepção de cidade por parte do autor, e construída a partir das práticas sociais diferentes realizadas nos parques, como organizações espaciais dos caminhões dos vaqueiros. Tais espaços são considerados como *casas* e as outras partes da estrutura do parque de vaquejada, como a pista de competição, os clubes para festa, o comércio, dentre outros, são vistas como *espaço público da rua*. E também pela questão de atrair um grande público para ver as atrações com cavalos e acaba que gerando muita movimentação de pessoas durante os eventos.

A atuação desses personagens em vários setores do parque dá-se graças à estrutura em torno da pista de competição, que é preparada para atender ao ritmo frenético da vaquejada, mediante a instalação de vários tipos de comércios e de meios para diversão, como as festas no clube, nos espaços dos bares e nos caminhões dos vaqueiros. Esses circuitos atraem muitas amizades, encontros casuais, diversão etc.

Assim, no tópico posterior, pretende-se descrever as observações feitas, por esta pesquisadora, nas vaquejadas, sobretudo no *Parque São Sebastião*, discutindo, à luz das interações sociais, a organização estrutural do local e apontando para o modo como os vaqueiros se socializam nesses ambientes.

### **2.7.5 Localizando o Parque São Sebastião**

O Parque São Sebastião (imagem 13) está localizado no Sítio Serrote dos Bois, Zona Rural de Nazarezinho apenas 15km da cidade. É um local bem conhecido pelos seus circuitos de Vaquejada, chega a ocorrer cerca de três vaquejadas por mês. Seu dono é o Fazendeiro Messias de Alípio, senhor bem conhecido na região pelas suas criações de gado, ele é o dono do Parque e fornecedor do espaço para os eventos.

Imagem 13- Vista do Parque São Sebastião.



Fonte: Acervo pertencente á Maria Daiane da Silva,2018.

Ao lado do Parque tem um palco onde acontecem as festas com a presença de vários cantores conhecidos como Mano Walter, Zé de Freitas dentre outros, e de frente ao parque tem um barzinho onde os vaqueiros bebem durante a festa, e também para ficarem acordados a noite toda e não perder nada do espetáculo.

Percebe-se que os vaqueiros de vaquejada têm uma maior identificação pelas chamadas “raízes nordestinas”, como o forró pé-de-serra, bem como pelos conhecidos estilos eletrônicos combinados no forró. Isso é natural, tendo em vista que os parques de vaquejada propagam muito o forró pelas festas nos clubes, pelos sons tocados nos caminhões dos vaqueiros e no som ambiente das competições.

A casa e a rua na vaquejada como já foi falada acima são constituídas provisoriamente durante a realização do evento. Chegando ao parque, os vaqueiros estendem uma espécie de tenda, ou toldo, que se conecta do caminhão ao chão por meio de barras de ferro. Assim se constitui a residência provisória desses personagens, a qual serve de local para o seu repouso, sua alimentação, a alimentação dos cavalos e a sociabilização dos vaqueiros.

Nas noites de festas se vêem muitos carros em pouco espaço do parque, muitos até são deixados num espaço antes da área central do evento. Nesse setor do fluxo de veículos, há a entrada e a saída constante de carros do público, geralmente amigos, às vezes familiares e patrões dos vaqueiros, que vêm assistir à vaquejada, uns ficam até o evento acabar, outros vão embora assim que a banda para de tocar.



No bar e servido muita bebida alcoólica, à culinária utilizada pelos vaqueiros e pelos populares, esta se conecta ao universo alimentar do sertão. Exemplo disto são as cachaças, as buchadas, as paneladas, as carnes de cabra e de boi, assadas e cozidas. Comidas típicas nordestinas que muita gente conhece.

No que diz respeito às vestes das pessoas que vão assistir à vaquejada e as vestimentas dos vaqueiros, estas se assemelham. Uma pequena diferença está no fato de os vaqueiros utilizarem botas de couro, calças *jeans* e o chicote ou macaca, que é utilizado para competir no evento.

No tópico seguinte, contemplar-se-á um outro espaço da vaquejada tido como *casa*.

### **2.7.6 o caminhão: a casa dos vaqueiros**

O local da *casa* dos vaqueiros, como se pôde constatar coincide com o que é destinado para o estacionamento dos caminhões (imagem 14). No caso do parque *São Sebastião*, situa-se por trás e do lado da pista de competição.



Acervo pertencente a Francisco Janio filgueira Aires, 2007.

Nesses caminhões, foram observados formatos diferenciados segundo a condição social de cada vaqueiro ou de cada patrão que investe financeiramente para ter o vaqueiro competindo nas vaquejadas. Sendo assim, o modelo de estada nos caminhões fica condicionado ao tamanho do investimento financeiro realizado para o conforto dos seus membros. Os carros de bois e caminhões são muito utilizados nas vaquejadas, tanto para



levar os animais pros eventos, como também pode oferecer bem estar a quem vai dirigindo ou quem vai como acompanhante. Veja algumas imagens a seguir:

Imagem 15- Carro utilizado para carregar os animais.



Fonte: Acervo pertencente á Maria Daiane da Silva, 2018.

Imagem 16- Caminhão Para Carregar Cavalos



Fonte: Acervo Pertencente á Maria Daiane da Silva, 2018.

O espaço no caminhão e arredores se constituiu como fonte fundamental das observações deste pesquisador, em razão de proporcionar a reunião constante de vaqueiros. Por outro lado, a competição também trouxe contribuições para este estudo, uma vez que permitiu encontros com vaqueiros e com os populares que participavam do evento.

Nesse sentido, as perspectivas da *casa* e da *rua* nas vaquejadas se entrelaçam como fontes complementares, porque ambas situam as experiências dos vaqueiros nas vaquejadas de Nazarezinho.

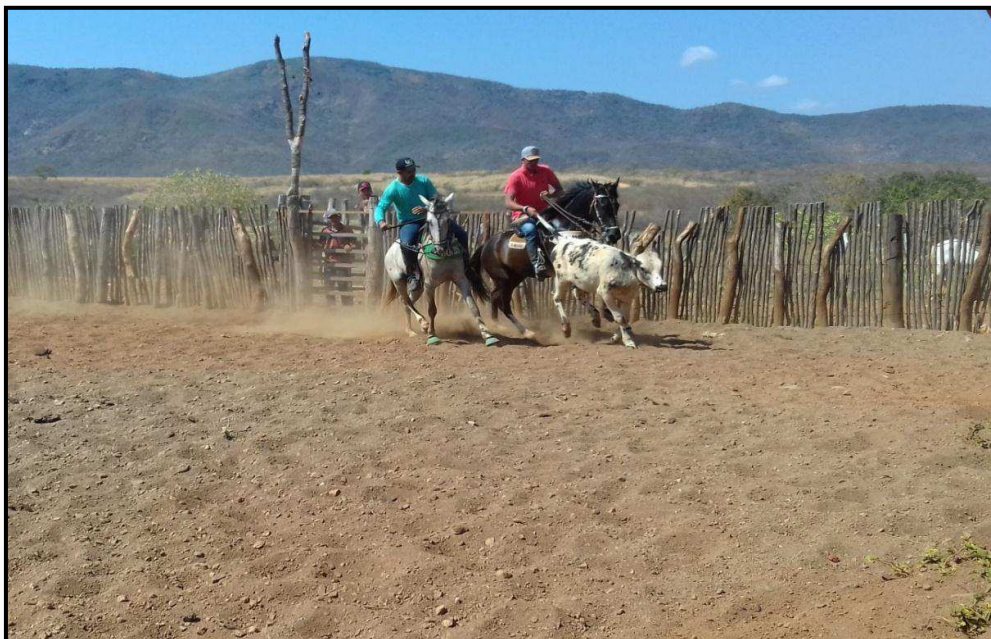
### 3- MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NA VAQUEJADA: A PEGA DE BOI, VAQUEJADA DE MORÃO E A VAQUEJADA NA ATUALIDADE

Neste capítulo iremos ver as manifestações culturais na vaquejada em três formas: a pega do boi, mais conhecida como a pega no mato, a vaquejada de morão onde os vaqueiros faziam competições no chão batido para quem conseguisse primeiro derrubar o boi, e como acontece estas festas de vaquejada na atualidade, será que continua as mesmas formas, ou alguma coisa mudou?

#### 3.1 As Pegadas de Boi

Na vaquejada tem as disputas são entre várias duplas, que montados em seus cavalos perseguem pela pista e tentam derrubar o boi na faixa apropriada para a queda, com dez metros de largura, desenhada na areia da pista com cal. Cada vaqueiro tem uma função: um é o batedor de esteira, o outro é o puxador (Imagem 17). **O Batedor de Esteira** é o encarregado de "tanger" o boi para perto do derrubador no momento da disparada dos animais e pegar o rabo do boi e imediatamente passar para o colega, além de empurrar com as pernas do seu cavalo, o boi para dentro da faixa caso o boi tente levantar-se fora da faixa. **O Puxador** é o encarregado de puxar o rabo do boi e de derrubá-lo dentro da faixa apropriada, e também quem faz quase todo o trabalho não desmerecendo o batedor de esteira.

**Imagem 17- Vaqueiro puxador e o batedor de esteira juntos na arena.**



**Fonte:** Acervo da Autora, 2018.

Nessa disputa também tem o juiz que serve como árbitro na disputa entre as duplas e deve ficar ao alto da faixa onde o boi será derrubado. Ao cair na pista, dependendo do local, pontos são somados ou não a dupla. Se o boi for derrubado dentro da faixa apropriada para esse fim, com as quatro patas para o ar, ele grita para o público: "Valeu Boi", então, somam-se pontos a dupla, se isso não acontecer, ele fala: "Zero", a dupla não consegue somar pontos. E ganha aquele que tiver mais pontos somados, e aí é só festejar mais uma vitória.

Nos Sertões Nordestinos, onde a pecuária é uma das principais atividades econômicas, segundo Maia (2003), surgiu entre os séculos XVII e XVIII a vaquejada, a partir das festas de apartação. As antigas fazendas de gado não eram delimitadas, com isso exigia do vaqueiro, várias virtudes como agilidade, coragem para reunir e selecionar o gado em épocas de ferragem e comercialização. Como lembra Maia (2003), geralmente, acontecia no mês de junho, época do final das chuvas. Nessa época o proprietário da fazenda reunia dezenas de vaqueiros, para fazer a separação do gado. Temos nessa época a figura do vaqueiro como profissional, pois é dessa atividade que ele tira o sustento para sua família. Suas vestimentas eram separadas cuidadosamente segundo SOUZA (1975, p. 270 apud MAIA, 2003, p. 163):

[...] perneiras, gibões e chapéus de couro de mateiro; guardapeitos de couro de gato-pintado (jaguatirica); cavalos “pescoço-de-viola”, os mais afamados; aguilhadas bem encostadas, com palmo de ferro, de forma piramidal, embainhado; selas sem cabeçotes, macias e leves; resistentes estribos de pau, largos peitorais e cabeçadas protetoras do animal; compridos laços trançados a cinco fios, de couro de burro, e que são enrodilhados, duas voltas maiores caindo sobre a anca do cavalo.

Tais vestimentas eram usadas como proteção contra as espécies espinhentas da caatinga, como a jurema (*Balizia pedicellaria*) e o arranha-gato (*Acacia plumosa* Lowe). Segundo Maia (2003, p. 164), “é assim que, colado ao seu cavalo, sai o vaqueiro em busca das reses soltas pela caatinga afora. Aquelas mais ariscas, que resistem ao seu chamado, aquele boi ou touro teimoso, esses são perseguidos e derrubados pela cauda”.

Ainda sobre a “pega de boi” afirma AIRES (2008, p. 78),

o vaqueiro podia interceptar o boi em qualquer lugar, mas isto era feito no mato. Tal prática acontecia porque a atividade do vaqueiro era transportar o gado de uma região para outra, ou de conduzir o gado para se alimentar no pasto, ou, ainda, de correr atrás de gado para separá-lo e marcá-lo.

Comentando sobre a prática de pegar no mato o gado arisco, discorre AIRES (2008, p. 78),

essa prática de pegar boi no mato denominado de marueiro ou barbatão tornava os vaqueiros e os cavalos respeitados entre os seus participantes. Muitos vaqueiros recebiam a fama de heróico porque buscavam pegar boi desse tipo no mato. Sendo assim, os fazendeiros percebendo essa busca dos vaqueiros em realizar esse feito ofertavam o prêmio de correr três bois em frente da fazenda por cada barbatão pego. Isso se tornou tão recorrente que os vaqueiros exigiam pegar esse animal se fosse concedido correr boi em frente das fazendas.

Depois de reunido todo o gado e a vaqueirama iniciavam a festa de apartação. O gado era dividido entre o fazendeiro e o vaqueiro, como lembra BARROSO (2006), o trabalho do vaqueiro era pago em espécie, recebendo um quarto da produção de cinco em cinco anos, ou seja, a cada quatro bezerros que nasciam um era do vaqueiro, fazendo com que a possibilidade de ascensão social, se depositasse na “cabeça do vaqueiro”. Ainda segundo BOXER (2000, p. 251 apud TOLEDO, 2002, p. 02), o vaqueiro, “podendo nutrir a esperança de um dia iniciar o negócio por sua própria conta. Costumava fazer isso, alugando um trato de terra do proprietário para o qual trabalhava”. Com o aluguel dessa terra o vaqueiro também passava a ser um morador. Onde o morador possui as seguintes

características, de acordo com ANDRADE (1986, apud CARVALHO & MOREIRA, 2000, p. 06):

residirem nas propriedades em casas de taipa, dispondo de áreas para cultivos de lavouras de subsistência, em cujo resultado não participava o proprietário, que exigia do empregado certo número de dias de serviços por semana, pagando preços inferiores aos serviços prestados pelos trabalhadores não residentes, como meio de compensar o pagamento do aluguel da casa e do sítio.

Portanto, qual a possibilidade de ascensão social do vaqueiro? Como isso seria possível, já que o mesmo era submisso ao fazendeiro? Pois esse deveria pagar por tudo. Pela terra que trabalhava, pela casa em que morava. Como ter essa ascensão já que o dinheiro que conseguia “juntar” com a criação dos seus animais que recebia nas apartações, com o que recebia na venda de seus produtos agrícolas, deveria pagar por tudo que necessitava para garantir a reprodução social da força de trabalho, da família. Essa possibilidade de ascensão também é discutida por Martins (1981, p. 50), quando o autor relata:

Aí, o fazendeiro abria a sua posse, obtinha a sesmaria e entregava o gado ao vaqueiro com base no regime de quarteação. Cada ano, de quatro crias cabia uma ao trabalhador, que, em princípio, mas nem sempre, podia formar o seu próprio rebanho.

Temos nessa época à representação da riqueza, como lembra Martins (1981), que era representada pelo gado e não pela terra.

### **3.2 Corridas de Morão**

As corridas de morão, como lembra Carvalho (2007), iniciou na década de 40 e começou a se popularizar quando os vaqueiros da Bahia e do Ceará tornaram públicas suas habilidades e de seus cavalos na lida com o rebanho. Essa atividade é descrita por AIRES, (2008, p.78), quando os vaqueiros,

se desafiavam num espaço de chão batido e duro. Estes corriam um de cada vez. Aquele que mais se destaca-se na “puxada do boi” ganhava o desafio. O vaqueiro podia correr atrás do boi em qualquer espaço do pátio da fazenda.



De acordo com o autor citado, esse período passou por alterações decorrentes da separação e apartação da vaquejada, provocado por mudanças no manejo do gado e, conseqüentemente, pela feição social dos vaqueiros. Conforme BARBOSA (2006, apud AIRES 2008, p. 78),

essa separação da vaquejada da apartação teve como elemento crucial a inovação na pecuária, pela passagem da pecuária extensiva para a pecuária intensiva, ligada à presença de novas raças de gado bovino, nas primeiras décadas do século XX. A presença do gado Zebu (chamado de guzerá, gir e nelore), oriundo da Índia para Minas Gerais e, por conseguinte, para o Nordeste brasileiro, traria novos modos de lidar com o gado.

Percebemos então que o vaqueiro teve que se adaptar a “nova” atividade, pois o material de trabalho (o gado) foi substituído por uma nova raça, que não fazia parte do seu cotidiano e, portanto, não sabia como era o comportamento deste animal e só aprenderia na sua labuta diária, na convivência com mesmo. É através do conhecimento empírico que ele vai descobrindo a melhor maneira de lidar com essa raça. Como afirma BARBOSA (2006, apud AIRES 2008, p. 79),

a presença dessa nova raça trouxe duas implicações. A primeira foi o cuidado com o gado pelos vaqueiros em espaço fechado, mediante a introdução das cercas de arame farpado nas fazendas, que antes não existiam ou eram feitas de pedras e de paus. A outra foi o surgimento da pecuária intensiva, de novas relações de produção e de distribuição que estavam em ascensão.

Ainda conforme esse autor,

“As empresas frigoríficas e os laticínios nasceram nesse exato contexto e podem ser apontados como um dos símbolos dessa modernização que dava seus primeiros passos no sentido de transformar uma economia agrária e escravocrata em economia industrial, fundada no trabalho livre”. BARBOSA (2006, apud AIRES 2008, p. 79)

A partir desse momento tem-se a diminuição da presença dos vaqueiros nas fazendas, já que em vez de o gado ser criado solto, em campo aberto, como era feito antes,

passa a ser cuidado em propriedades cercadas, eliminando a necessidade de se utilizar um elevado número de vaqueiros para transportar e para pegar o gado que se dispersava no mato. Tem-se nessa época a presença de vários vaqueiros desempregados, já que tudo o que sabiam fazer era cuidar do gado, e para arranjar outro emprego era bastante difícil. Observamos isso na música *Vaqueiro Desprezado*, de Amado Edilson lançada em 2011:

Vou contar uma história, de um vaqueiro afamado; Trabalhou 60 anos, numa fazenda de gado; E depois de ficar velho, do patrão foi desprezado!

O patrão disse, " Vaqueiro não pode mais trabalhar, já está velho demais, escute o que eu vou falar, vá procurar outro canto pra você poder morar!"

O vaqueiro disse: - Patrão, eu lhe peço um favor. Não tenho casa e nem dinheiro e não sei para onde vou, já que estou velho e cansado, deixa eu morar com o senhor?

O patrão disse: - Vaqueiro, estar com a carreira encerrada. Pegue sua rede e seu saco, aqui não lhe devo nada! Lugar de vaqueiro velho, é morrer no meio da estrada!

Pegou sua mala e foi, seguindo naquela estrada, deu uma boi na porteira, correu toda vacarada, urravam como diziam, "Fica, meu véi camarada!"

Os cavalos relinchavam, batendo o pé no mourão. A bezerrama chorava, como quem diz, " Não vai não!", e o vaqueiro, coitado, seguiu naquele estradão... (...)

O vaqueiro que era “dispensado” do trabalho nesse contexto, sempre era aquele mais idoso, pois não interessava ao fazendeiro ter um vaqueiro “velho” na sua fazenda, já que o mesmo não podia trabalhar com muita dedicação e disposição. Constatamos que a relação de trabalho do vaqueiro, pois agora o vaqueiro, não tinha direito a nada quando era despedido, já que quem dava as ordens era o fazendeiro.

A criação do gado em áreas cercadas e a sua apartação em lugares chamados currais, deram origem a cidade de Currais Novo-RN, atualmente possui um parque de vaquejada, onde se tem a competição das vaquejadas contemporâneas. Percebemos que as vaquejadas não apenas contribuíram para a cultura nordestina, mas também para a formação de cidades nessa região do Brasil.

### **3.3 Vaquejada moderna**

Ao falarmos da vaquejada moderna ou contemporânea, não podemos esquecer a sua origem, as vaquejadas de morão. Vaquejadas estas que segundo AIRES (2008), são a evolução das primeiras vaquejadas de morão, que se diferencia pelo fato de,



ser executada pela derrubada do boi entre duas faixas, embora essa puxada pudesse ser de arrasto, ou seja, o vaqueiro começava a puxar o boi fora das faixas e o soltava no seu interior. Essa derrubada era realizada entre faixas que contêm 6 metros de largura. Esse tipo de vaquejada trazia alguns elementos da pega de boi, como a puxada do boi pelo rabo em qualquer lugar, as vestes de couro e a presença do vaqueiro de fazenda nas vaquejadas. A pontuação desse tipo de competição é contabilizada de acordo com quem fizer isso mais próximo possível da entrada do boi na pista de corrida. Por outro lado, o boi podia correr para frente e para trás. O que era válido era que o vaqueiro “puxasse o animal” para o chão. (AIRES, 2008, p. 81-82).

Com o tempo a vaquejada continuou sofrendo mudanças, e foram essas mudanças que nos propiciou vê-la como uma festa. Nesse sentido, a sua reestruturação se tornou um negócio, principalmente, a partir da década de 1990, pela sua popularização que é abordada por MAIA (2003), quando a autora diz que a vaquejada perde o seu caráter de festa de vaqueiro e vai se tornando cada vez mais um evento de exibição nas cidades. As mudanças ocorridas nesses eventos, para autora,

foram ganhando auto-falante para chamar os que estavam disputando, propaganda, anúncios, delimitações de percurso, regras, prêmios, cavalos de raça (...), um público cidadão curioso; começaram a cobrar taxas de inscrição progressivamente mais caras. (MAIA, 2003, p. 169).

O fato de a vaquejada ser vista como uma atividade esportiva e o vaqueiro como um desportista. Essas denominações foram consolidadas em termos oficiais através da Lei Federal sancionada n° 10.220, de 11 de abril de 2001, que considera atleta profissional o peão de rodeio:

[...] Entendem-se como provas de rodeios as montarias em bovinos e eqüinos, as vaquejadas e provas de laço, promovidas por entidades públicas ou privadas, além de outras atividades profissionais da modalidade organizadas pelos atletas e entidades dessa prática esportiva.

A oficialização da vaquejada como um esporte tornou o evento ainda mais profissional, provocando modificações nas regras da competição. Essas modificações podem ser vistas através dos locais onde ocorrem as disputas, antes eram nos pátios das fazendas, hoje são em grandes parques construídos exclusivamente para esse tipo de

atividade. Percebemos então que as diferenças nas relações de trabalho entre o vaqueiro e seus patrões, se antes era o vaqueiro e o fazendeiro, hoje ocorre entre o vaqueiro e um grande empresário. Outra mudança está na forma dos pagamentos, que antes eram “um quarto da produção a cada cinco anos”, hoje o prêmio das vaquejadas são divididos entre o vaqueiro e seu patrão, prêmios estes como lembra MAIA (2003), que antes era simbólicos e que hoje são verdadeiras fortunas.

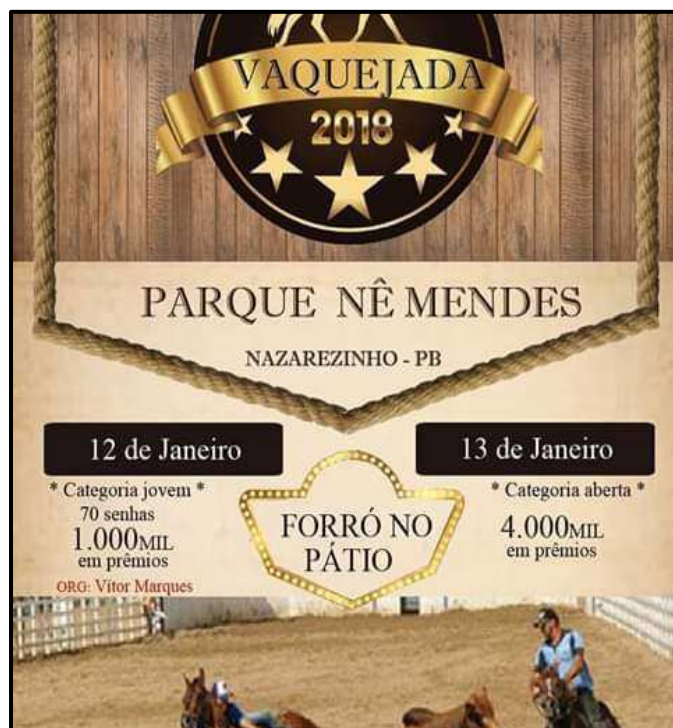
**Fíg-6 Cartaz de Vaquejada no Parque São Sebastião Sitio Serrote dos Bois, Nazarezinho, 2018.**



Fonte: [www.portalvaquejada.com.br](http://www.portalvaquejada.com.br) Acesso em : 23/08/2018

## OS CARTAZES DAS VAQUEJADAS

Figura 7- Cartaz de Vaquejada no Parque Nê Mendes em Nazarezinho-PB.



Fonte: [www.portalvaquejada.com.br](http://www.portalvaquejada.com.br) Acesso em : 12/09/2018.

Figura 8- Vaquejada no Parque São José em Cachoeira dos índios -PB.



Fonte: [www.portalvaquejada.com.br](http://www.portalvaquejada.com.br) Acesso em: 12/08/2018.



Figura 9- Vaquejada no Parque Pedro Chaves- Divinópolis-PB



Fonte: [WWW.portalvaquejada.com.br](http://WWW.portalvaquejada.com.br) Acesso em: 02/09/2018

Figura 10- Cartaz de Vaquejada do Parque São Sebastião-Nazarezinho-PB



Fonte: [WWW.portalvaquejada.com.br](http://WWW.portalvaquejada.com.br) Acesso em : 02/09/2018.

As vaquejadas que antes ocorriam geralmente no mês junho, hoje possuem um calendário de todos os eventos. Tal calendário segundo MAIA (2003) é dividido em

circuitos, ou seja, um conjunto de cinco a seis vaquejadas que acontecem em parques de localizações próximas, geralmente, duas em uma mesma cidade e as demais nas cidades vizinhas. Na cidade de Nazarezinho chegam a acontecer de quatro a cinco vaquejadas por mês, sempre com muitos prêmios e festas pra alegrar ao grande público que é apaixonado pelo esporte. Mais existe dois meses onde este evento se destaca mais, mês de Janeiro por que pega o embalo da tradicional festa do Padroeiro São Sebastião que é bem conhecida na região através de vários dias de festas com a presença de Parque de Diversões, bancas com vendas de objetos, barracas de comidas, e danças que alegram a pequena cidade neste mês, e posteriormente no mês de Junho, depois do São João que começam a acontecer vários eventos de Vaquejada no Município.

Os parques de vaquejada são construídos segundo uma padronização oficial para a pista – onde se dá a corrida. As disputas da vaquejada contemporânea são sempre feitas por duplas – o “puxador” e o “esteira”. O puxador é aquele que derruba o boi e o esteira é aquele que tem a função de pegar cauda do boi e entregar para o puxador. As disputas são feitas da seguinte maneira: quando a porteira se abre o “esteira” pega a cauda do boi e entrega para o “puxador”, onde este dá um giro na cauda, puxa-a, derrubando o boi, que deverá cair na área demarcada pelas duas faixas, com as patas levantadas sem tocar em nenhuma das faixas. Caso isso aconteça diz-se “valeu boi” e os pontos são contados; caso contrário, a expressão é “**zero**”. E assim o vaqueiro acaba sendo desclassificado da competição, por não conseguir marcar pontos.

No próximo tópico iremos discutir um pouco sobre os conceitos sagrado e profano conhecido nas obras do autor Ariano Suassuna, presente nas vaquejadas do sertão do Brasil.

#### **4- ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: A VAQUEJADA COMO ESPORTE, CULTURA, LAZER, COMPETIÇÃO E NEGÓCIO**

Neste capítulo iremos tratar do sagrado e profano nas vaquejadas, onde o profano e as festas realizadas durante as corridas, e o sagrado e as questões religiosas realizadas como a tradicional missa do vaqueiro e a cavalgada na cidade de Nazarezinho, mais para entendermos melhor esses conceitos vamos ver considerações de alguns autores sobre a temática.

Para podermos compreender este termo sagrado e profano e preciso conhecermos um pouco da história do autor Ariano Suassuna (1927-2014). Nascido na cidade de João Pessoa ele foi professor, poeta, dramaturgo, filósofo e escritor paraibano, conhecido pela maioria dos brasileiros pela peça do Auto da Compadecida, o teor religioso característico do seu trabalho já é familiar ao seu público. Aqueles que estão mais familiarizados com sua obra não devem estranhar a presença recorrente da apropriação de entidades religiosas em suas peças, personagens "que voltam", seja de forma central ou de maneira indireta em boa parte de sua produção literária. O desfecho moralizante e o tom catequizador que permeia sua narrativa também são elementos unificadores de sua obra, constantemente ressaltadas por um narrador onisciente, como o Palhaço no Auto da Compadecida (1955), a dupla Cheiroso e Cheirosa em A pena e a lei (1959) e a tríade Miguel, Manuel e Pedro na Farsa da boa preguiça (1960).

Filho do ex-governador da Paraíba, assassinado durante a Revolução de 30, Suassuna e sua família precisaram se mudar para o sertão paraibano quando o escritor tinha apenas três anos de idade, estabelecendo-se na cidade de Taperoá. Foi lá que ele se alfabetizou e teve os primeiros contatos com a arte popular nordestina, como a literatura de cordel, o Teatro Mamulengo e o repente, formas artísticas que marcariam de maneira definitiva a sua literatura.

Ao longo de sua carreira, Suassuna se dedicou à criação de uma arte erudita que representasse genuinamente a cultura brasileira, se distanciando das reproduções dos moldes europeus ou norte-americanos. Foi buscando alcançar esse objetivo que nasceu o Movimento Armorial, lançado oficialmente na década de 1970, na capital pernambucana. Visando trazer para o campo das artes alguns dos elementos comuns ao universo popular da cultura nordestina, o movimento possuía o intuito de dar visibilidade

a todas as manifestações artísticas, não sendo exclusivo à literatura, mas abarcando também a pintura, música, dança, e qualquer forma de expressão regionalista.

O sertanejo, como maior representante dessa cultura nordestina popular, tornasse, portanto, personagem recorrente em todas as suas obras. E a paisagem castigada pelo sertão brasileiro é o cenário indispensável a esse universo.

Vale salientar que, apesar da literatura suassuniana ser extremamente carregada de elementos típicos do universo sertanejo, nem por isso ela deixa de ser acessível ao público que não tem um conhecimento maior ou que não faça parte dessa cultura. A escrita erudita do autor eleva o grau de alcance de sua arte ao fazer a manutenção por uma linguagem menos rebuscada, mas mesclada de elementos que não são restritos a esse sertanejo, como a discussão acerca da existência humana.

Tanto o Mamulengo quanto a literatura de Cordel, que influenciaram a arte de Suassuna, são expressões artísticas consideravelmente antigas, que remetem ao tempo do Renascimento. É possível, portanto, encontrarmos semelhanças na construção das estrofes e nas rimas barrocas com as utilizadas pelos cordelistas e repentistas, como o uso de versos decassílabos. O caráter de versos mais oralizados também é um forte traço em comum, que está presente também na obra suassuniana.

A fim de se compreender com maior profundidade a concepção do sagrado e do profano no universo literário de Suassuna, cabe analisar a definição de dois grandes teóricos, Émile Durkheim (1858-1917) e Mircea Eliade (1907-1986) que dedicaram uma parte de seu trabalho para debater a fundo a definição desses dois conceitos.

Émile Durkheim, em seu livro “As formas elementares da vida religiosa (1912)”, define o sagrado e o profano como dois conceitos de oposição extrema, que sequer fazem parte de um mesmo domínio. E, apesar de conceber a possibilidade de um objeto ou um ser que antes fizesse parte do domínio do sagrado possa se transferir e passar a fazer do domínio do profano (e vice-versa), ele afirma que esse movimento só pode ocorrer quando há uma transferência total e completa desse objeto. Segundo ele em hipótese alguma algo pode pertencer ao universo do sagrado e do profano simultaneamente:

Os dois mundos não são apenas concebidos como separados, mas como hostis e ciosamente rivais um do outro. Uma vez que não se pode pertencer pletamente a um a não ser na condição de se ter saído inteiramente do outro, o home é exortado a retirar-se totalmente do profano, para levar uma vida exclusivamente religiosa. (DURKHEIM, 1996, p. 43)

É justamente essa heterogeneidade entre os conceitos que marca sua essência, uma heterogeneidade absoluta, que não aceita dividir nem o mesmo espaço físico. O sagrado reina sobre tudo aquilo que pertence ao reino do transcendental e do ideal, enquanto o profano atua no mundo puramente material. "O sagrado e o profano foram sempre e em toda a parte concebidos pelo espírito humano como gêneros separados, como dois mundos entre os quais nada há de comum" (DURKHEIM, 1996, p. 42).

Em contraposição, Mircea Eliade, em seu livro *O sagrado e o profano* (1957), propõe uma definição do sagrado a partir do entendimento do profano, fazendo com que esse conceito não pudesse ser compreendido individualmente, sem sua concepção binária. Desse modo, o sagrado passa a ser tudo aquilo de extraordinário que se revela no mundo físico e que até então permanecia oculto, é a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”." (ELIADE, 1992, p. 13). Ainda de acordo com Eliade, o sagrado e o profano "constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem" (ELIADE, 1992, p. 14): a vivenciada pelo homem religioso e a pelo homem a-religioso ao longo da história.

A visão explicitada por Suassuna em suas obras irá, portanto, se aproximar mais ao exposto por Eliade, uma vez que a oposição extrema proposta por Durkheim é derrubada no momento da construção dos personagens suassunianos. Estes apresentam uma cisão ontológica, o que significa dizer que manifestam simultaneamente uma parte significativa de si virada para o domínio sagrado e outra parte, intrínseca a sua realidade terrena, que atua no campo do profano:

ao mesmo tempo em que se dirige para o mais elevado, para o divino, também participa do que há de mais baixo e mundano; é, portanto, essa dualidade ontológica do ser humano que impõe o problema existencial e religioso da sua salvação-perdição. (PIMENTEL, 2010, p. 49)

Um dos momentos em que essa constituição dual do ser é externada pelo escritor, aparece na fala de Manuel Carpinteiro, na *Farsa da boa preguiça*, quando ele expressa a ligação existente entre o homem e às Cobras e entre o homem e o Lume.

Os homens nesse meio, sepultados  
e ligados às Cobras pelo Mundo,  
pela desordem do Pecado,



e ligados ao Lume, ao claro, ao solar,  
 por um Santo de carne, um Anjo de fogo  
 e por aquele que é carne e fogo  
 e se chamou Jesus! (SUASSUNA, 2013, p. 36)

Enquanto na condição humana e ligado à vida mundana, o homem está automaticamente associado ao pecado, que faz parte da nossa realidade terrena. E apenas no momento da morte, quando o homem se desprender dessa realidade, é que ele terá uma chance de se libertar dos pecados, da corporeidade, e de permanecer unicamente no espaço do sagrado encontrando sua verdadeira essência longe da interferência do Mal. Portanto podemos entender que o homem só ira se libertar do pecado ou das suas obras profanas no momento da sua morte, pois a partir desse momento ele ira se deparar com algo novo sem interferência do mal como prega muitas religiões acerca de Jesus Cristo salvador da humanidade.

Sobre esse pensamento, Suassuna explica na rubrica d'A pena e a lei: "Somente no Terceiro Ato é que os atores aparecem com rostos e gestos totalmente normais – isto é, normais dentro do poético teatro – **para indicar que só então, com a morte, é que ‘nos transformamos em nós mesmos’**". (SUASSUNA, 2005, p. 9, grifo nosso).

Entretanto, condicionar a existência terrena à presença constante do pecado não é afirmar que a vida na Terra será inteiramente profana. Como dito anteriormente, a cisão ontológica humana revela que o pecado não consegue dominar todo o indivíduo, destruindo uma concepção maniqueísta e mostrando que mesmo num plano terreno onde temos a presença do Mal, ainda terá uma parte do homem que busca se voltar para o divino, para o elevado e para o bem, mas encontra no Mal os obstáculos para uma possível superação dessa cisão. No mundo existe sim a presença do mal que nos rodeia a conduzir a fazer coisas erradas aos olhos do divino Deus, mais estamos em constantes mudanças em procurar o bom caminho e as coisas que venham servir de edificação para nossas vidas.

Na festa da vaquejada podemos ver o sagrado e o profano nas realizações de missas para os vaqueiros, e também festas nas disputas pelo melhor prêmio.

A Missa do Vaqueiro é um evento religioso, tradicional na cultura popular do sertão pernambucano. Esta celebração teve origem a partir do desaparecimento do vaqueiro Raimundo Jacó, um vaqueiro de muita coragem do Sertão nordestino, que foi assassinado traiçoeiramente nas caatingas do Sítio das Lages, distrito do município de Serrita, localizado no alto sertão do Araripe, localizado a 553 quilômetros do Recife. A

primeira missa em sua memória foi idealizada pelo Rei do Baião, Luiz Gonzaga cantor e compositor pernambucano, e rezada pelo padre João Câncio dos Santos em 1971. Celebrada sempre no terceiro domingo do mês de julho, ao ar livre, num local onde foi construído um altar de pedra rústica em forma de ferradura. É neste dia que se reúnem vaqueiros de vários estados do Norte e Nordeste e se confraternizam diante da fé cristã. Serrita recebe turistas de todas as partes do Nordeste para prestigiar a festa que mistura o sagrado e o profano. De acordo com a tradição, o início da celebração é dado com uma procissão de mil vaqueiros.

A ideologia cristã da missa é um ato de fé do homem sertanejo, que apesar de ser um povo sofrido, não perde jamais a esperança de dias melhores. Eles sobem até o altar e fazem suas oferendas com peças de sua indumentária de couro, arreios, e instrumentos usados no pastoreio do gado. Durante o ofertório eles improvisam versos de aboio sobre cada peça ofertada. Os vaqueiros são homens sertanejos, boiadeiros de perdas caatingas. Chegam montados nos seus cavalos, vestidos de gibão, botas, coletes e chapéu de couro enfeitado, trazendo no semblante a bravura do homem sertanejo. Esta é uma homenagem feita não apenas ao grande vaqueiro Raimundo Jacó, mas a todos vaqueiros nordestinos corajosos que desafiam a imensidão, a seca, a fome e o perigo do grande Sertão nordestino.

Na semana que antecede a celebração da missa, o município de Serrita vive um clima de festa folclórica, com vaquejada, banda de pífanos, zabumbeiros, sanfoneiros tocando forró pé-de-serra, baião, xote, xaxado, ciranda, cantorias, repentistas, aboiadores, além da feirinha típica, onde são expostos objetos artesanais e decorativos, comidas tradicionais à base de milho e mandioca, rapadura, caldo de cana, beijus, entre outras. O objetivo principal da Missa do Vaqueiro é mostrar, através da figura do vaqueiro Raimundo Jacó, a bravura, a dedicação e a fé do homem sertanejo, valorizando a cultura popular e o rico artesanato nordestino.

Outro evento que vai envolver o Sagrado e o Profano e a tão conhecida Cavalgada, que acontece no município de Nazarezinho todo ano a cada dia 12 do mês de outubro, já se tornou tradição os vaqueiros se reúnem no Sítio Olho d'Água do Frade distante apenas 15km do município, e todos montados a cavalo com a farda se deslocam para a cidade numa caminhada, o carro de som vai na frente e os cavalheiros atrás com os animais, até chegar a Igreja de São Francisco localizada quase na saída da cidade para os sítios(zona rural), o atual Padre Nicodemos celebra uma missa, e ao final desse momento sagrado ele

sai da igreja para jogar água benta nos cavalos que participam das corridas no intuito de Deus abençoar os animais que irão participar das competições no propósito de gerar renda para o próprio dono. Porque a vaquejada não é vista apenas como esporte e sim como uma forma de gerar renda para quem vive da profissão. Ao contrário da missa do Vaqueiro realizada em Serrita-PE e que lá é sempre em junho na lembrança em homenagem ao Vaqueiro Morto João Cânciao, e na cidade de Nazarezinho e todo mês de outubro no dia 12, para Deus abençoar os Cavalos nas corridas.



Imagem 18- Camiseta utilizada nas Cavalgadas.  
Acervo pertencente á Maria Daiane da Silva, 2018.



Imagem 19- Cavalgada dos vaqueiros- saída do sitio olho d'água para a cidade de Nazarezinho.

Fonte: Acervo pertencente a Igor Garrido, 2018.



Imagem 20- Parada na Igreja de São Francisco para os vaqueiros receberem a bênção do Padre Nicodemos

Fonte: Acervo pertencente á Maria Daiane da Silva, 2018.





Imagem 21- Caminhada passando pela frente da igreja de São Francisco- Nazarezinho.  
Fonte: Acervo pertencente a Igor Garrido, 2018.



Imagem 22- Caminhada pelas ruas de Nazarezinho.  
Fonte: Acervo pertencente á Igor Garrido, 2018.

Essa cavalgada atrai muitas pessoas de outros sítios que se juntam para andar nas ruas da cidade de Nazarezinho, levando a nossa cultura para dentro e fora do pequeno município. Depois da cavalgada os vaqueiros se reúnem num bar para comemorar o momento sagrado realizado de frente a igreja, ao receber a benção do Padre local para serem vencedores nas corridas de Vaquejada. Muitos ainda fazem festas, dançando forró nas ruas da cidade orgulhosos de sua paixão em serem vaqueiros nordestinos, em serem verdadeiros Campeões.

#### **4-1 Importância Cultural e Econômica da Vaquejada**

Por ser uma atividade esportiva de grande relevância para o Estado Nordestino e por se tratar de Patrimônio Cultural, o que foi reconhecido pela própria Procuradoria Geral da República na Petição Inicial, a prática precisa ser preservada. Esporte milenar, uma cultura passada de geração a geração. São inúmeras pessoas que sobrevivem de tal esporte. A vaquejada movimentada a economia com eventos de grande porte, cria empregos e reúne família. A prática da vaquejada, que com suas festas e manifestações, atraem números significativos de pessoas apaixonadas pelo esporte para prestigiar os eventos.

De acordo com a ABVAQ, para a realização de uma prova de vaquejada, há o envolvimento de aproximadamente 270 profissionais, entre veterinários, juizes, inspetores, locutores e equipes de circuito, como: Organizadores, seguranças, limpeza e apoio de gado, entre outros. Além desta estrutura, ocorre também a contratação de empresas do setor de shows e também outras atividades de apoio ao evento.

Sabemos que a vaquejada é um movimento cultural. A sua proibição fará com que a identidade de toda uma região seja esquecida. Tal tradição centenária, que começou com o pastoreio e mantém viva a cultura do povo nordestino em a exaltação ao vaqueiro. A nova vaquejada, contudo, não deixa de lado os costumes passados pelos antigos, mas é a reinvenção, transformação, característica dos processos culturais aos quais toda a sociedade é submetida. É a prova de que mesmo com o passar dos anos, a tradição continua viva e presente nas novas gerações.

Além disso, a vaquejada traz também fortes evidências na movimentação de investimentos, fazendo parte da economia do país. A festa reúne empresários, empresas de cavalos e criadores, que fazem investimentos altíssimos. De acordo com a Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ) estima-se que, durante o ano, mais de 4 mil eventos

sejam realizados no Brasil. Pesquisas comprovam que mais de 700 eventos são realizados no Ceará, gerando 600 mil empregos diretos e indiretos, que movimentam mais de R\$ 14 milhões.

Desta maneira, percebemos a grande importância da vaquejada, que não é apenas uma tradição que apresenta fatores históricos e culturais, mas também contribui para a economia do país, movimentando altos investimentos nos grandes eventos que são promovidos para apreciar esta tradição.

#### **4.2 Aspectos positivos e Negativos nas vaquejadas**

Ao falarmos dos aspectos que são vistos nas vaquejadas podemos destacar como principal ponto positivo na vaquejada a geração de emprego e circulação de renda para pequenas e grandes cidades da região nordeste. O esporte é bastante praticado e também serve como método para ganhar dinheiro, os vaqueiros fazem as competições para saber quem é o melhor, e sempre tem um prêmio para quem ganhar, então além de ser vista como esporte e lazer, a vaquejada é vista como grande negócio.

E como ponto negativo que é muito falado é o mau-tratos com os animais que participam das corridas, onde os animais são expostos ao sofrimento durante as competições, mais atualmente não existe tanto isso porque foram criadas muitas regras que possibilitou mais segurança na prática do esporte, como por exemplo no caso do animal o “boi”, existe agora uma proteção para o rabo do boi para não machucar tanto o mesmo. Para o vaqueiro é obrigatório o uso do capacete que livra os participantes de acidentes graves ao cair do cavalo, e também as esporas tem que ser lisas para não machucar o cavalo, e não é mais permitido o uso do chicote para bater no animal, então muitas coisas foram mudadas na vaquejada, por isso podemos compreender que esta atividade não é tão prejudicial a nossa fauna, e uma forma de mostrar a nossa bonita cultura.

Uma cultura que não pode ser esquecida, e nem encerrada, porque devemos preservar sempre o que temos de melhor em nosso lugar.

## CONSIDERAÇÕES

As reflexões enunciadas neste trabalho foram desenvolvidas na tentativa de compreender as práticas dos vaqueiros nas vaquejadas, que apontavam para os diversos modelos de masculinidade, onde em muitos momentos podemos ver como ainda hoje na atualidade existe preconceito da mulher no esporte de vaquejada, tendo em vista que as suas representações repercutem tanto nas competições como nos momentos lúdicos do evento.

A transformação da Vaquejada em espaço de consumo e espetáculo das massas se deu pela invasão da indústria cultural, modificando a estrutura, forma e finalidade da festa, bem como os expectadores e produtores da atividade. A cultura popular da vaquejada foi deixada de lado, dando lugar ao sentido de mercadoria, geradora de lucro e local de consumo. As festas passaram a ser produzidas em datas, locais e horários específicos, aderindo a lógica dos circuitos de vaquejada. Os valores culturais da festa são deixados de lado, o lucro acabando assumindo uma postura déspota.

Na cidade de Nazarezinho local de estudo vimos que os vaqueiros da região vivem do esporte, a maioria retirar o lucro nas festas de vaquejadas, por isso a importância de treinar muito pra conseguir o tão sonhado prêmio.

Nesse contexto, as investigações de campo permitiram fazer algumas considerações a respeito dos sentidos e dos significados relacionados entre vaqueiro, vaquejada e a cultura do nosso nordeste que muitas vezes é esquecida, por isso a importante temática desse trabalho para mostrar como realmente acontece as festas de vaquejadas, e como elas são tão importantes para o povo desta cidade.

Na realidade, o passado se apresenta como significado na trajetória do vaqueiro ou da sua família ou da história apontada pela origem e desenvolvimento da vaquejada. Ambas as situações historiográficas são significadas como reforço para sua persistência como vaqueiro, diante do que foi vivido anteriormente, tanto pelo protagonista em questão como pelos seus antepassados, vimos isto também nas músicas do eterno rei do Baião Luiz Gonzaga, que em suas músicas descreviam a vida dos vaqueiros, deixando sempre a lembrança do seu primo querido morto Raimundo Jacó. Por outro lado, o presente se constitui significativamente, para os vaqueiros desportistas, a partir do momento que estes percebem e reafirmam a sua condição como uma experiência particular na vaquejada contemporânea. Por isso, a sua história não é construída apenas



pelo alicerce do passado, mas pelas redefinições culturais do evento, que exigem outras provas para continuar sendo vaqueiro.

Neste trabalho ficou bem explicado como acontece cada momento na vaquejada, as funções de cada ator social, desde o vaqueiro, patrão até o juiz de Campo, e não esquecendo todos os outros que juntos fazem parte desse esporte e dessa cultura maravilhosa.

Outro ponto observado no cenário da vaquejada é que o modelo contemporâneo desse evento se torna um espaço para a “espetacularização” de diversos atores sociais, que se apresentam de modos distintos, uma vez que os vaqueiros possuidores de prestígio na sociedade buscam reafirmar a sua condição não apenas como competidor, mas como patrão e como simples participante.

Quanto ao patrão, este goza do privilégio do seu prestígio não diminuir na vaquejada, tendo em vista que a sua condição de provedor já o referencia como um homem de valor. Todavia, esse personagem tende a legitimar mais ainda a sua condição de investidor e de homem honrado, à medida que está sempre atuando para que seu vaqueiro esteja presente nas vaquejadas.

As entrevistas neste trabalho nos permitiram entender melhor como cada vaqueiro pensa sobre sua atividade, e como é importante pra eles viverem desse esporte, dessa paixão como muitos falam. As visitas aos parques foram de suma importância para ver e analisar como cada parque tem suas diferenças, afinal depende do seu dono investir na estrutura, foi bem proveitoso também observar as rodas de conversas sobre as competições, muitos falaram que gostava mais das corridas do que das festas, o importante era estar ali mostrando seu esforço, sua bravura.

Este trabalho é muito importante, pois ele trás a importância da vaquejada no nosso sertão, nosso nordeste, e na nossa pequena cidade que vem atrair muitas pessoas para suas maravilhosas festas e corridas alegrando o povo e os vaqueiros nazarezinenses atores desse grande espetáculo cultural.

## REFERÊNCIAS

AIRES, Francisco Janio Filgueira. **O espetáculo do cabra-macho: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte, 2008**

Disponível em: [http://bdt.d.bczm.ufrn.br/tesesimplificado/tde\\_arquivos/34/TDE-2009-0219T060126Z-1705/Publico/FranciscoJFA.pdf](http://bdt.d.bczm.ufrn.br/tesesimplificado/tde_arquivos/34/TDE-2009-0219T060126Z-1705/Publico/FranciscoJFA.pdf). Acesso em: 2 de Abril de 2018.

AIRES, Francisco Janio Filgueira. Sob a luz da desbravação: vaqueiro no sertão do oeste potiguar. 2005, 94 fl. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE VAQUEIRAS-ABRAVA, doido por vaquejadas. Disponível em: [http://doiodoporvaquejadas.blogspot.com/p/blog-page\\_29.htm](http://doiodoporvaquejadas.blogspot.com/p/blog-page_29.htm). Acesso em: 04/11/2018.

ARRIANO, Suassuna- biografia, obras e frases. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/ariano-suassuna/> Acesso em 23/10/2018.

AMADO, Edilson, **Vaqueiro Desprezado**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/amado-edilson/1481663/>. Acesso em: 04/11/2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA VAQUEJADA. **A vaquejada**. Disponível em: [http://abvaq.com.br/?page\\_id=42](http://abvaq.com.br/?page_id=42). Acesso em: 21 de ago. 2017. BRASIL. Constituição Federal. In: VadeMecum Saraiva. 15 ed. atual. eampl. São Paulo: Saraiva, 2013.

BARBOSA, E. L. **Valeu boi! O negócio da vaquejada**. Teresina: EDUFPI, 2006.

BEZERRA, José Fernandes. **Retalhos do meu sertão**. Rio de Janeiro: Gráfica e Papelaria Leão do Mar, 1978.

BONNEMAISON, Joël. **Viagem em torno do território**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Geografia Cultural: um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-132 (Série Geografia Cultural).

CASCUDO, Luís da Câmara. **A vaquejada nordestina e sua origem**. Fundação José Augusto: Natal, 1976.

CÁSSIA Rita de. **Saga de um vaqueiro**. In: VAGALUME, [199?] Disponível em: <HTTP://vagalume.uol.com.rita-de-cassia/>. Acesso em 2 de ABRIL DE 2018.

CLAVAL, P. C. C. **Geografia Cultural: um balanço**. Geografia, Londrina, v. 20, nº 3, p. 5-24, set./dez. 2011.

Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/14160/11911>

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 9-18.

DURKHEIM, Èmile. **As formas elementares da vida religiosa**, Martins Fontes, São Paulo, 1996.

ELIADE, Mircea- **O sagrado e o Profano**, 1957. Disponível em: <http://gepai.yolasite.com/resources/O%20Sagrado%20E%20O%20Profano%20-%20Mircea%20Eliade.pdf> Acesso em: 10/10/2018.

FAINA, D. O. **Quarto de Milha no Brasil**. In: simpósio de equideocultura, 3, 2011, Viçosa, Minas Gerais. Anais... Viçosa: UFV.

FELIX, F.K.L.; ALENCAR, F.A.G. **O vaqueiro e a vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades**. Revista Geográfica de América Central, p.1-13, 2011.

LIMA, R. A. S.; SHIROTA, R.; BARROS, G. S. A. C. **Estudo do Complexo do Agronegócio Caval**. Relatório Final - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada-CEPEA/ESALQ/USP. Piracicaba-SP, 2006.

LUIZ, Gonzaga- **A morte do Vaqueiro**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/82383/>. Acesso em 04/11/2018.

LUIZ, Gonzaga- **Chapéu de Couro e Gratidão**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1560852/>. Acesso em 04/11/2018.

LUIZ, Gonzaga- **Vida de Vaqueiro**- Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1563394/>. Acesso em 04/11/2018.

MAIA, Dorálice Sátiro. **A vaquejada: de festa sertaneja a espetáculo nas cidades**. In: ALMEIDA, Maria Geralda; RATTI, Alessandro J.P. (orgs.). Geografia: Leituras Culturais. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 159-183.

MAPA. **Ministério Da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Equídeos**.

Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/animal/especies/equideos>. Acessado em: 02 de Abril de 2018.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. **A representação cultural da vaquejada resiste no sertão sergipano do São Francisco, 2006**. Disponível em: <[http://www.neer.com.br/anais/NEER2/Trabalhos\\_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20%20SoniadeSouzaMendon%C3%A7aMenezes.pdf](http://www.neer.com.br/anais/NEER2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20%20SoniadeSouzaMendon%C3%A7aMenezes.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2018.

**O SAGRADO E O PROFANO NA OBRA SUASSUNIANA**- Disponível em: [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9471/1/2014\\_VanessaChaniceMagalhaes.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9471/1/2014_VanessaChaniceMagalhaes.pdf). Acesso em 10/10/2018.

PIMENTEL, M.M.L.; CÂMARA, F.V.; DANTAS, R.A.; FREITAS, Y.B.N.; DIAS, R.V.C.; SOUZA, M.V. **Biometria de equinos de vaquejada no Rio Grande do Norte, Brasil**. Acta Veterinaria Brasilica, v.5, n.4, 2011, p.376-379 .

PIMENTEL, Claudio S (2010). Humanização do divino, divinização do humano: representações do imaginário religioso no teatro de Ariano Suassuna. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp147353.pdf>> Acesso em: 29/nov/2014.

SAUER, Carl O. **Geografia Cultural**, In ROSENDAHL, Zeny; & CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). Introdução à Geografia Cultural. 2ª edição. Editora Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2007.

SUASSUNA, Ariano. Auto da Compadecida (2005). Rio de Janeiro: Agir.

\_\_\_\_\_. A pena e a lei (2005). Rio de Janeiro: Agir.

\_\_\_\_\_. Farsa da boa preguiça (2013). Rio de Janeiro: José Olympio.

\_\_\_\_\_. Supremo Tribunal Federal. RE 153531– Rel. Marco Aurélio. Julgado em 03.06.1997. Disponível em: <<http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=211500>>. Acesso em: 31 de ago. 2018.

Supremo Tribunal Federal. ADIN nº 4.983. Requerente: Procurador Geral da República. Requeridos: Governador do Estado do Ceará e Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Relator: Min. Marco Aurélio Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/processo/verProcessoAndamento.asp?incidente=4425243>>. Acesso em: 03 set. 2018.

STEINMETZ, Caroline. **Queremos o fim da vaquejada! Vaquejada é inconstitucional!**. Disponível em: <<https://www.change.org/p/ministerio-publico-excelent%C3%ADssimo-senhor-doutorpromotor-de-justi%C3%A7a-queremos-o-fim-da-vaquejada-vaquejada-%C3%A9-inconstitucional>>. Acesso em: 30 de ago. 2018.

XAVIER, I. L. G.de S. **Deteccão de enfermidades do aparelho locomotor através do exame físico em equinos de vaquejada**. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) – Escola Superior de Agricultura de Mossoró, Mossoró, RN, 2002.

Disponível em <[http://www.abqm.com.br/php/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=233%3AQuarto-de-milha-no-brasil&catid=28%3Aa-raca&Itemid=3](http://www.abqm.com.br/php/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=233%3AQuarto-de-milha-no-brasil&catid=28%3Aa-raca&Itemid=3)> Acesso em 30/03/2018.

## GLOSSÁRIO

**Batedor de Esteira ou Esteira:** é o vaqueiro que acompanha o puxador para derrubar o boi entre as faixas na pista de competição.

**Bater a Senha ou Bateu a Senha:** é quando o vaqueiro consegue derrubar os bois corretamente na primeira fase da competição, colocando-o na final do evento.

**Boi Mobral:** é o boi que nunca correu em vaquejada.

**Bom de Pista:** é aquele que consegue sempre ganhar prêmios.

**Brete:** é o local que permite a entrada dos bois na pista de apresentação.

**Calzeiros:** são aqueles que fazem a marcação constante da pista de competição com cal.

**Canceiros:** são aqueles que cuidam da entrada e da saída dos vaqueiros na pista de competição.

**Curradores:** são os que cuidam da entrada e da saída dos bois nas pistas de competição.

**Fiscais de Pista:** são responsáveis pela retirada dos bois puxados nas competições.

**Juiz:** é quem julga as puxadas dos vaqueiros nas vaquejadas.

**Locutor de Vaquejada:** é aquele que narra a competição da vaquejada e divulga os eventos que ocorreram nas outras vaquejadas.

**Senhas:** é o termo utilizado para designar a inscrição do competidor na vaquejada.

**Tratador de Cavalos:** são aqueles que cuidam dos cavalos dos vaqueiros, alimentando, banhando, escovando e passeando com o animal.

**Valeu o Boi:** é o termo utilizado para designar o competidor que conseguiu puxar o boi corretamente entre as faixas.

**Zero:** é o termo usado para caracterizar o competidor que não conseguiu derrubar o boi entre as faixas de puxamento.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – O ROTEIRO DAS ENTREVISTAS PARA VAQUEIROS

- 1- Qual seu nome?
- 2- Você é natural de onde?
- 3- Há quanto tempo você é vaqueiro?
- 4- Você desempenha alguma outra atividade além de ser vaqueiro?
- 5- Fale um pouco da sua trajetória até entrar na vaquejada.
- 6- Alguém da sua família corre ou já correu em uma vaquejada além de você?
- 7- Como faz pra ser considerado vaqueiro?
- 8- O vaqueiro puxador é mais profissional que o batedor de esteira?
- 9- O que a vaquejada significa para você?
- 10- Houve mudanças na vaquejada relacionada aos dias atuais?
- 11- Qualquer pessoa pode correr numa pista de vaquejada?
- 12- As mulheres podem correr na vaquejada? Explique
- 13- Você deixaria uma mulher correr no seu cavalo?
- 14- Porque se vê mais homens nas corridas do que mulheres?
- 15- O que você pode nos falar sobre os cuidados com os animais das corridas?
- 16- Sabemos que o vaqueiro tem que segurar o cavalo enquanto tentar derrubar o boi que pode chegar a pesar mais de 300kg. Se no caso acontecer um acidente ele pode sofrer graves lesões que podem acabar causando sua morte?
- 17- Na vaquejada existem normas para os vaqueiros competidores?
- 18- Você ouviu falar que a vaquejada ia ser proibida por conta dos maus-tratos com os animais? Qual sua opinião em relação a isso?
- 19- Você é contra ou a favor da vaquejada?
- 20- Além das corridas você também participa das festas realizadas nas vaquejadas?
- 21- Você participa de vaquejadas fora do seu estado?
- 22- Você considera vaquejada um esporte ou uma profissão?
- 23- Quais benefícios a vaquejada trás para você?
- 24- Sempre acontece competições na sua cidade?
- 25- Fale de um fato que marcou a sua vida como vaqueiro